

UM APELO À EMIGRAÇÃO

Mary Ann Shadd



Organização e tradução

Alison Silveira Moraes

Fabício Leal Cogo

Hislla S.M. Ramálho

SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA

PREFÁCIO À TRADUÇÃO DE MARY ANN SHADD PARA O PORTUGUÊS

PREFÁCIO À EDIÇÃO TRADUZIDA PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

UM APELO À IMIGRAÇÃO

Observações introdutórias

América Britânica

Os Canadás e seus climas

Solo, madeira e desmatamento de terrenos

Grãos, batatas e nabos

Hortaliças

Frutas, vinhas e bagas

Animais domésticos, aves e aves de caça selvagens

Preço das terras no país e propriedade municipal

Mão de obra e comércio

Igrejas e escolas

Assentamentos: Dawn, Elgin, a Institution, e Fugitive's Home

Direitos políticos, Lei Eleitoral, juramento e a moeda

Artigos isentos de impostos

Moeda do Canadá

Resumo da Lei de Sucessão no Alto Canadá

Os trinta mil homens livres de cor do Canadá

Os franceses e a população estrangeira

Recapitulação

Índias Ocidentais Britânicas, México, América do Sul e África

México

Ilha de Vancouver e comentários finais

POSFÁCIO: SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO

Nota introdutória

Um apelo à emigração (1852), texto inédito em português e pouco conhecido nos países de língua inglesa, resgata uma reflexão fundamental sobre o problema racial nos Estados Unidos da América e no Canadá no século XIX. Um guia para emigrantes, o folheto foi escrito por uma mulher negra norte-americana, Mary Ann Shadd (1823 – 1893), que, indignada com a situação da minoria afrodescendente no seu país, decidiu migrar em 1850 quando a Lei do Escravo Fugitivo determinou que todo escravo fugitivo, mesmo já estabelecido em um estado em que a escravidão havia sido abolida, deveria ser devolvido ao seu dono. Professora de escola, Shadd se mudou para o Canadá, onde a escravidão tinha sido abolida em 1834, abriu uma escola racialmente integrada e fundou seu próprio jornal, *The Provincial Freeman*, em 1853.

Este livro é fruto do diálogo de professores e alunos do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil), com o Departamento de Línguas Modernas e Estudos Culturais, da Universidade de Alberta (Canadá). Em 2019, discutia-se na UFSC uma frase da artista e ativista chilena Cecilia Vicuña, na qual afirma que “o que fica de fora talvez seja o mais importante”. Foi feito, então, um breve levantamento de autores de língua inglesa pouco conhecidos lá e sem tradução para o português, e de autores daqui, cujas vozes não reverberam nem em português nem em outras línguas.

A decisão de iniciar a parceria entre as duas universidades com a tradução deste texto se deu em razão da escrita e da história *sui generis* de Mary Ann Shadd: mulher, negra, filha de ativistas pró-abolição, professora, editora e escritora e que teve a chance de estudar e se formar em Direito em uma universidade estadunidense. Essa formação familiar e educacional sólida permitiu que Shadd potencializasse a sua voz. Tornou-se uma das primeiras editoras negras nos Estados Unidos da América e esteve entre as primeiras editoras mulheres no Canadá, país

que a acolheu e que, segundo ela, acolheria os negros estadunidenses que sofriam com perseguições e preconceitos.

Um apelo à emigração nasce com o objetivo de apresentar esse novo país a seus contemporâneos. O livro descreve o Canadá como a Terra Prometida, onde os negros encontrariam terras, trabalho e condições mais igualitárias, uma vez que lá não haveria discriminação por causa da cor da pele: “Se um homem negro entender de seu próprio negócio, ele terá o mesmo número de clientes que os homens brancos. Ele não é obrigado a trabalhar mais e melhor e cobrar menos por isso. Ele não é associado com nenhuma classe difamada, todo o trabalho pode vingar ou não de acordo com o mérito, não por causa da cor da pele”.

Talvez fosse uma ilusão de Shadd, talvez um simples entusiasmo por estar em um país em que a escravidão tinha sido abolida vinte anos antes, mas o fato é que promoveu a ideia de que havia um melhor tratamento dos negros no Canadá. Em outro momento, ela lembra que os fugitivos que chegavam ao Canadá, “em alguns casos, assentavam-se em terras do Governo antes que elas fossem vendidas no mercado, limpando-as e melhorando-as”, mas muitas vezes eles mesmos precisavam partir “devido à escassez de recursos para compra e venda” desses lugares que eles mesmos tinham ajudado a valorizar. Percebe-se aqui uma informação nada idílica a respeito desse país aparentemente tão acolhedor. O fato é que seu livro era uma lufada de esperança para os negros estadunidenses.

Outros aspectos do livro, como a exploração ambiental, devem ser, obviamente, contextualizados, pois Shadd falava no século XIX, quando não havia nenhuma preocupação com a ecologia e os danos irreparáveis causados pela exploração do solo. No livro, os povos originários do Canadá não são sequer mencionados, o que nos leva a pensar que eles eram uma minoria quase invisível, mesmo em um livro escrito por uma integrante de outra minoria.

Chama a atenção no livro de Shadd o destaque que ela dá à educação e à necessidade da integração, de um contato estreito entre diferentes raças, para que não se crie, com o tempo, um clima de animosidade entre elas, fruto de preconceitos pré-estabelecidos: “A despeito da prosperidade e do sentimento liberal da maioria, há ainda muita ignorância, discriminação, preconceito e ociosidade. Há aqueles que estão somente interessados na educação desde que a criação de escolas e igrejas separadas esteja inclinada a alargar a linha de separação que eles desejam estabelecer entre eles e os brancos. Eles se dedicam a aumentar os números e a perpetuar, nas mentes dos imigrantes e refugiados recém-chegados, preconceitos originários da escravidão e tão fortes e questionáveis em suas manifestações quanto aqueles apoiados pelos brancos em relação às pessoas de cor”.

Em suma, trata-se de um texto crucial para ampliar o diálogo sobre temas que ainda não se esgotaram nos dias de hoje.

O próximo projeto dessa parceria será a tradução de uma voz potente brasileira para o inglês, ainda em discussão.

Andreia Guerini

Dirce Waltrick do Amarante

Odile Cisneros

Prefácio à tradução de Mary Ann Shadd para o português

Richard Almonte (Toronto, 2023)

Os tradutores desta ponderada primeira edição em português de *A Plea for Emigration, Or Notes of Canada West*, de Mary Ann Shadd, pediram-me gentilmente para oferecer um prefácio ao seu trabalho. Em 1998, eu, recém-formado mestre em literatura canadense, me perguntava se a minha tese de mestrado – uma edição acadêmica modificada do texto de Shadd – poderia induzir um editor a lançar uma nova edição do livro. Quase 125 anos após a sua publicação original em Detroit, e 25 anos após a sua reedição em 1998 pela Mercury Press em Toronto, com o meu aparato editorial, permitam-me fazer uma pergunta que pode parecer óbvia: O que é que o texto de Shadd tem que continua a fascinar os leitores num mundo como o nosso, tão profundamente transformado?

Penso que há pelo menos três razões para a duradoura atualidade do livro. Em primeiro lugar, a condição que ele designa – a migração, a emigração, a imigração, o estatuto de refugiados, o deslocamento de um grande número de pessoas devido à adversidade – está ainda mais acentuada em 2023 do que em qualquer outro período no passado. Há pessoas que se afogam na costa da Grécia, que perecem em incêndios na fronteira de Bangladesh e que morrem congeladas na fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá. Em circunstâncias mais afortunadas, elas chegam ao Brasil vindas da Venezuela e conseguem se assentar efetivamente em comunidades que podem hospedá-las mais adequadamente. Shadd entendeu essa necessidade incessante que marca a condição humana: *Onde estou é intolerável, portanto preciso ir para outro lugar*. Sua insistência em que este movimento é um imperativo moral – tanto para a pessoa que entra no novo lugar como para a pessoa que já lá vive – é o que nos fala hoje, desafiando-nos a abrir espaço nas nossas comunidades, que já enfrentam outros desafios, para aqueles cujo sofrimento *em outro lugar* deve ser remediado *algures*.

Outro aspeto relevante do texto de Shadd é a sua insistência – mais de 10 anos antes do final da Guerra Civil dos EUA e da emancipação, a igualdade e a integração terem sido teoricamente alcançadas pela população negra desse país – em que os negros estadunidenses deviam se mudar para o Canadá, não para se balcanizarem em bairros ou comunidades só de negros, mas antes para, o mais rapidamente possível, se integrarem em todos os seus aspectos – educação, política, jornalismo – na sociedade canadense (majoritariamente branca) da época. 125 anos depois, podemos ver esta insistência retrospectivamente como predecessora dos movimentos de equidade, diversidade e inclusão e de justiça social que são uma parte tão grande dos debates atuais na sociedade norte-americana, bem como em outras partes do mundo.

Por último, Shadd continua a ter relevância para nós devido à sua insistência básica na importância dos fatos e da boa informação, e à sua confiança neles. Afinal de contas, o livro de Shadd é um compêndio de fatos. Fatos sobre a agricultura, a educação, a economia, a religião e a política no que então se chamava *Canada West* (Canadá Ocidental) e que hoje é a província canadense de Ontário. Como temos visto nos últimos anos, os movimentos reacionários de direita nas sociedades democráticas de todo o mundo têm transformado em armas a comunicação nas redes sociais, bem como o jornalismo, a radiodifusão e o discurso político, através de campanhas de desinformação e mentira em grande escala – essencialmente subvertendo o conceito humanista liberal de objetividade para afirmar que as suas mentiras são apenas outra forma de verdade. É nestas condições que devemos recordar que, em 1852, uma jovem mulher procurou persuadir outros negros estadunidenses a escapar do que era intolerável através de um conjunto de fatos cuidadosamente selecionados e organizados.

Tradução: Odile Cisneros

Prefácio à edição traduzida para o português do Brasil

Maria Aparecida Andrade Salgueiro (UERJ / FAPERJ / CNPq)¹

A Plea for Emigration; or Notes of Canada West (ou tal como na presente tradução, *Um apelo à emigração; ou Notas sobre o Canadá do Oeste*), de Mary Ann Shadd (1823 – 1893), obra de 1852, inédita em português do Brasil, é publicada neste ano de 2023 em nosso país, como mais um elemento da sólida e contínua produção científica das pesquisadoras que tiveram a iniciativa, como parceria entre docentes e discentes de uma universidade pública brasileira (a UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina) e uma universidade canadense (Alberta). O livro pode ser visto, conforme o título adianta, como um guia com notas visando informar a possíveis imigrantes vindos da Europa – fato então recorrente desde o século XVI no período colonial – sobre as condições existentes em seu novo espaço geográfico. Porém, ao contrário de boa parte dessas obras, então lançadas, dirigidas naquele momento a uma potencial população branca, vinda da Grã-Bretanha ou da Europa Continental para a América do Norte, a obra de Shadd pretendia convencer os negros estadunidenses a emigrarem para o Canadá, em perspectiva de incentivo, ao debater os benefícios de tal movimento e as oportunidades para os negros naquele novo e possível espaço.

Este livro, desde sua introdução, e em diferentes tipos de materiais de apoio incluídos no volume, situa a obra de Shadd – classificada, de forma discutível, por diferentes críticos literários como um *folheto* – como importante texto para pesquisadores do campo, ao situar no contexto político e cultural a notável vida de Shadd como abolicionista, ativista negra dos direitos das mulheres, escritora, jornalista, educadora,

¹ Professora Titular – UERJ; Instituto de Letras – Coordenadora Geral do Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César; Cientista do Nosso Estado-FAPERJ - Procientista UERJ/FAPERJ – Pesquisadora 1D do CNPq.

advogada e feminista negra. A tradução do livro coloca a autora em campo de circulação significativo para o crescente número de pesquisadores/as negro/as em nosso país, apresentando-a, após longos anos “esquecida”, “apagada”, raras vezes lembrada em textos críticos sobre o início da literatura afro-americana, e relatando a complexa relação do Canadá com a escravidão nos Estados Unidos.

Natural de Wilmington, no estado de Delaware, nos Estados Unidos, Mary Ann Shadd nasceu em família de afro-americanos livres e teve uma vida extraordinária para a época, transformando-se em pioneira feminista e grande transformadora social afro-americana. Em obra aclamada de Jane Rhodes – *Mary Ann Shadd Cary: The Black Press and Protest in the Nineteenth Century* (1998) – fica claro como Shadd, enquanto jornalista-ativista determinada e combativa, lutou arduamente para se libertar do domínio masculino e estabelecer um modelo para futuras feministas, apresentando um retrato perspicaz e comovente de uma mulher negra convicta e engenhosa, que se empenhou ao máximo para acabar com a escravidão e garantir plenos direitos humanos para seu povo.

Shadd foi a primeira editora negra da América do Norte e a primeira editora mulher no Canadá, tendo transitado ao longo da vida entre esse país e os Estados Unidos, o que lhe dá espaço nos dois territórios/países, seja nos Estudos Literários, seja nos de outros campos de estudo em que atuou, sendo, inclusive, *A Plea for Emigration* considerado, por todos os motivos aqui descritos, um dos textos fundadores da literatura canadense. Ao fundar o jornal *The Provincial Freeman*, em 1853 (um ano após o lançamento de *A Plea for Emigration*), publicado semanalmente no sul de Ontário, no Canadá, defendia a igualdade, a integração e o autodidatismo para os negros do Canadá e dos Estados Unidos. O jornal se somava ao movimento abolicionista que tinha nomes como Frederick Douglass, em seu jornal *North Star* (1847), e George Whipple, Henry e Mary Bibb, em seu jornal *Voice of the Fugitive* (1851).

O impulso ativista e solidário de Shadd vinha de sua vivência desde criança: sua família estava envolvida com a chamada *Underground Railroad* (Ferrovia Subterrânea), que ajudava aqueles que fugiam da escravidão. Após a aprovação da *Fugitive Slave Act* (Lei do Escravo Fugitivo, que tornava o Governo Federal responsável por encontrar e julgar escravizados fugitivos e exigia que fossem devolvidos aos seus proprietários, mesmo que estivessem em um estado livre), em 1850, nos Estados Unidos, a família de Shadd se mudou para o Canadá. Ela retornou aos Estados Unidos durante a Guerra Civil Americana (1861-1865), tendo continuado a defender os direitos civis dos afro-americanos e das mulheres pelo resto da vida.

Nesse sentido, *A Plea for Emigration* constitui-se em importante contribuição histórica para a compreensão da relação das populações negras com a região do Canadá do Oeste do século XIX (atual Ontário). Embora muito tenha sido escrito sobre as populações de colonos brancos, e apenas alguns autores tenham pesquisado as populações negras na região, a maioria das quais era constituída de escravos afro-americanos fugitivos que escaparam para o Norte através da *Underground Railroad*, sabe-se muito pouco sobre como os habitantes negros se sentiam em relação às suas perspectivas territoriais, aos direitos políticos, ao clima e à terra canadenses. Como um dos poucos guias de colonos destinados aos leitores negros do século XIX, o *Apelo à Emigração* de Shadd é obra fundamental para os estudos sobre os afro-americanos no século XIX em suas relações com o Canadá.

Shadd foi educada pelos Quakers e mais tarde lecionou em estados do nordeste dos Estados Unidos. Seguindo os passos de seus pais ativistas, Shadd acompanhou o caminho dos afro-americanos que se dirigiam para o norte, rumo à liberdade no Canadá. Estabelecendo-se em Windsor, cidade em Ontario, do lado oposto à cidade estadunidense de Detroit, tendo entre elas o Rio Detroit, Shadd escreveu pequenos livros didáticos, descrevendo de forma breve e objetiva as vantagens do Canadá, com o objetivo de ajudar os colonos negros dispostos a

trabalhar e fazer face à necessidade de viver dentro de suas posses, difundindo informações sobre o sucesso dos negros que viviam em liberdade no Canadá.

Antes de retornar aos Estados Unidos, Shadd obteve a cidadania canadense. Em 1851, ela foi a única mulher a participar da *First Convention of Colored Freemen* (Primeira Convenção de Homens Livres de Cor), realizada fora dos EUA. Teve atuação na Guerra Civil Americana e mudou-se para Washington, DC, onde lecionou, cursou Direito e se tornou a primeira mulher negra a concluir esse curso na conceituada universidade negra *Howard University*. Uniu esforços para obter o voto feminino e foi ela própria a primeira mulher negra a votar em uma eleição nacional.

A obra de Mary Ann Shadd, também conhecida como Mary Ann Shadd Cary, após seu casamento com Thomas Cary em 1856², destaca-se não apenas no horizonte das lutas abolicionistas, mas também no panorama do início do tantas vezes chamado “jornalismo literário” e da abertura do feminismo negro afro-americano, junto a obras de outras potentes autoras afro-americanas do final do século XIX, tais como Frances E. W. Harper e Pauline E. Hopkins. Ambas as autoras, através de seus romances *Iola Leroy, or, Shadows Uplifted* (1892) e *Contending Forces: a Romance Illustrative of Negro Life North and South* (1900), respectivamente, entrelaçam ficção e história com o propósito de criar novas alternativas de discurso, afastando-se, assim, do discurso oficial. Tal estilo permitiu que mulheres afro-americanas dessem voz às suas experiências e às suas próprias histórias.

No arcabouço dos estudos de Arqueologia Literária, desde a segunda metade do século XX, a obra de Mary Ann Shadd foi se tornando objeto de estudo e pesquisa no Canadá, e, claro, por toda sua história e pelos aspectos até aqui descritos, nos Estados Unidos, abrindo caminho para

2 Por toda sua luta e ideário, assim como pelo nome com que assinou *A Plea for Emigration*, utilizaremos neste Prefácio o nome *Mary Ann Shadd*.

as autoras acima citadas. “Descobria-se” aquela ativista afro-americana, pouco conhecida até então, e que desafiou os obstáculos que gênero e raça colocavam diante dela. Em instigante obra crítica de 1977, *Shadd: The Life and Times of Mary Shadd Cary*, seus autores lembravam:

Shadd foi a primeira mulher negra no continente norte-americano a fundar e editar um jornal semanal, publicando *The Provincial Freeman* em Windsor, Toronto e Chatham durante a década de 1850. [...] Sua história não é simplesmente a de uma pessoa negra ou de uma mulher, mas de um ser humano único e emocionante, cuja vida deveria ser estímulo e desafio para todas as pessoas em todos os lugares. (BEARDEN and BUTLER, 1977, p. 24)³

No jornal canadense, expunha sua agenda contra a escravidão e, na mesma época, tal como apontado na antologia de referência da tradição literária afro-americana, *Call and Response* (1999), Mary Ann Shadd era a mais destacada líder entre as ativistas negras, tendo liderado o movimento emigratório de quinze mil negros para o Canadá – objeto da obra ora traduzida (HILL, 1997, p.221).

Cabe destacar que os escritores escravizados compreendiam com clareza em suas narrativas seu papel político e, nesse sentido, usavam detalhes específicos e linguagem concreta, destacadas por Shadd, não apenas para evitar divulgar noções romantizadas sobre a escravidão, mas também para, mais que tudo, atingir o público branco a respeito das brutalidades que então ocorriam. Em suas narrativas, descreviam seu desejo de liberdade e se questionavam se a liberdade no norte do país correspondia, de fato, ao ideal de liberdade dos escravizados, e

3 No original: “Shadd was the first black woman on the North American continent to found and edit a weekly newspaper, publishing *The Provincial Freeman* in Windsor, Toronto, and Chatham during the 1850s. [...] Her story is not simply that of a black and a woman, but of a unique and exciting human being whose life should be a stimulation and a challenge to all people everywhere.”

se questionavam sobre o que significava ser um escravizado nos Estados Unidos naquele momento. A partir daí, no mesmo período de Shadd, surgiam inúmeras *slave narratives* no século XIX, entre elas, *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave, Written by Himself* (DOUGLASS, [1845] 1997) e *Our Nig; or, Sketches from the Life of a Free Black*, de Harriet Wilson (WILSON, [1859] 2009). Esta, lançada em 1859, desaparecida na sequência, pelos conhecidos processos de apagamento por poderes hegemônicos e variadas relações de poder, com título provocativo, ao usar um apelido ofensivo dado à protagonista do romance, *Our Nig: Sketches from the Life of a Free Black* foi “redescoberta” em 1981, pelo crítico afro-americano Henry Louis Gates, Jr., e republicada em 1984, com Introdução de sua autoria. A partir desse ano, seguiu abrindo novos rumos de pesquisa dentro dos campos da Arqueologia Literária, da Literatura e da Cultura Afro-americanas, da Teoria da Literatura e dos estudos comparatistas, em foco amplamente interdisciplinar.

Ao lado dessas obras – e dessas tensões – havia também a expansão da fala, a linguagem oral, a valorização dos oradores, tendo então a oratória se tornado uma das principais formas literárias do século XIX e uma das mais utilizadas ferramentas para levar sentimentos antiescravistas não só aos estados do norte dos EUA, mas também para o exterior. Um dos motivos de tal desenvolvimento devia-se ao fato de que muitos afro-americanos não tinham acesso à escola e à época possuíam dificuldade na leitura. Shadd logo percebeu isso, em termos de impacto sobre seu jornal (GRAHAM & WARD, 2011, p. 141). Como produto da cultura afro centrada, muitos abolicionistas negros se tornaram oradores palestrantes e agentes em tempo integral, com talento para a fala, tal como a própria Mary Ann Shadd. Uma dessas oradoras, do mesmo período, e sob o mesmo impacto, é Sojourner Truth (1797-1883), pregadora itinerante, abolicionista e feminista. Em 1850, Truth publicaria seu famoso *Ar'n't I a Woman? The narrative of Sojourner Truth*, que lhe proporcionaria renda a partir das vendas, após suas falas para plateias antiescravagistas e feministas.

A década de 1880 se iniciaria com vários acontecimentos históricos e literários significativos, e Mary Ann Shadd seria grande expoente, por exemplo, marcando o início dessa era ao organizar em 1880 a *Coloured Women's Progressive Association*, cujo objetivo primeiro era promover direitos iguais para as mulheres, entre os quais, o voto feminino. Esse era mais um de alguns aspectos de tópico em geral pouco discutido, mas de forte presença e influência em seu contexto, a saber, as principais manifestações literárias femininas afro-americanas na era do realismo estadunidense, neste momento acrescidas das influências transnacionais, em relação a Shadd e ao Canadá.

De maneira geral, analisada com olhar hegemônico nas principais antologias oficiais, a temática aqui tratada acaba por ser na Historiografia Literária “Oficial” Estadunidense estudada em capítulos dedicados às minorias ou nem estudada. Na medida em que nosso foco de pesquisa é a Literatura Afro-americana, com ênfase na escrita de mulheres, optamos por, justamente para trabalhar os objetivos recém-mencionados, trazer o exemplo de autoras que, em sua época, demonstraram e acentuaram a importância da escrita como um ato de resistência, bem como uma ferramenta que possibilita ao excluído, ao oprimido, romper com as ditas verdades pré-estabelecidas. Autoras que apresentam a representação literária como instrumento de ruptura, gerando novos discursos e possibilidades na Literatura Afro-Americana. Em meio a uma sociedade racista e opressora, em meados e no final do século XIX, foi, aos poucos, através dessas novas possibilidades textuais, que vozes foram ouvidas em relação a anseios, esperanças e experiências, e que possibilitaram o início de concretas lutas de saída das margens para o centro de suas próprias histórias, sendo suas ações e obras, ao mesmo tempo, atos de resistência e de aquisição de poder (SALGUEIRO, 2014).

Antes de concluirmos, é importante ouvir Shirley J. Yee, em sua obra *Black Women Abolitionists: A Study in Activism, 1828-1860*. De maneira geral, a pesquisadora aponta que, por serem negras e mulheres nos

Estados Unidos antes da Guerra Civil, as abolicionistas confrontaram-se com um conjunto particular de tensões. Estavam sempre envolvidas na complexa dinâmica de raça, sexo e classe, fosse qual fosse sua atitude política: apoiar o movimento direta ou indiretamente, cooperar com os brancos – ou especialmente com outros negros –, trabalhar em grupos ou de forma independente, estar bem financeiramente ou em constante luta para sobreviver. Contra o pano de fundo da escravatura, construir uma vida em “liberdade” significava adotar muitos dos valores da sociedade branca livre, simbolizada em parte pela dominação masculina e pela subordinação feminina. Ao militarem como mulheres negras (gênero e raça), as abolicionistas viram-se presas entre o sexismo do movimento anti escravatura e o racismo do movimento das mulheres brancas.

Ao longo de seus escritos, discursos, petições e participação em organizações anti escravatura e de autoajuda, estas mulheres estabeleceram um padrão de ativismo feminino negro – centrado na construção de comunidades, na organização política e na concretização de uma rede de amizades com outras ativistas – que serviu de modelo para gerações posteriores de mulheres negras. (YEE, 1992, Foreword).⁴

Baseando-se numa ampla gama de fontes primárias anteriormente inexploradas, Shirley Yee examina o ativismo das mulheres negras no Nordeste e no Centro-Oeste dos Estados Unidos e, até certo ponto, na Califórnia e no Canadá, no período em tela de sua obra.

Nesse sentido, em se tratando de Prefácio de obra de Mary Ann Shadd, a partir dos dados até aqui apresentados, encerramos lembrando

⁴ No original: “Throughout their writing, speeches, petitions, and participation in antislavery, and self-help organizations, these women established a pattern of black female activism--centered on community-building, political organizing, and forging a network of friendships with other activists--that served as a model for later generations of black women.”

que foi uma afro-americana do século XIX, aguerrida e franca, que usou a imprensa e a oratória para combater a escravidão e a opressão tanto nos Estados Unidos como no Canadá. Shadd, como outras citadas neste prefácio, e ainda tantas mais, trata a literatura como um espaço de esperança, tecendo fato e ficção, história e literatura, à medida que se recorda dos sofrimentos da gente negra e à medida que apresenta discursos alternativos a fim de nos capacitar com novos elementos para a leitura do passado.

Dentro da tradição da escrita feminina afro-americana da segunda metade dos Estados Unidos do século XIX, tantas vezes entre ficção e não-ficção, outras essencialmente ensaísticas ou até jornalísticas, autoras como Shadd e as demais mencionadas neste texto, ainda que sem citação mais recorrente, trouxeram a voz feminina como denúncia, empoderamento, transitando em época de outras autoras estadunidenses com perspectivas de liberdade. Que a presente tradução renove os campos de pesquisa neste nicho e coloque, por exemplo, o nome de Shadd, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, onde até o momento segue sem registros para o termo.

A obra de Shadd oferece importantes elementos sobre a experiência negra livre, os nacionalismos negros emergentes, as ideologias de gênero dos afro-americanos e a formação de uma esfera pública negra. Estavam delineados os traços da experiência afro-americana no século XX, prestes, então, a iniciar.

Referências bibliográficas e webgráficas

- ANDREWS, William L., FOSTER, Frances Smith, HARRIS, Trudier (Eds.). *The Concise Oxford Companion to African American Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- BEARDEN, Jim; BUTLER, Linda Jean. *Shadd: The Life and Times of Mary Shadd Cary*. Toronto: NC Press, 1977.
- CARBY, Hazel V. *Reconstructing Womanhood: The Emergence of the Afro-American Woman Novelist*. New York: Oxford University Press, 1998.
- DOUGLASS, Frederick. *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave, Written by Himself*. Edited by William L. Andrews and William S. McFeely. New York: W. W. Norton & Company, 1997.
- GATES Jr., Henry Louis. *The Signifying Monkey - A Theory of African American Literary Criticism*. New York: Oxford University Press: 1989.
- GRAHAM, Maryemma and WARD, JR., Jerry W. (Eds.). *The Cambridge History of African American Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- HILL, Patricia Liggins (General Editor). *Call and Response – The Riverside Anthology of the African American Literary Tradition*. Boston / New York: Houghton Mifflin Company, 1997.
- RHODES, Jane. *Mary Ann Shadd Cary: The Black Press and Protest in the Nineteenth Century*. Bloomington: Indiana University Press, 1999.
- SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Manifestações literárias femininas afro-americanas na era do realismo norte-americano. In: Ana Lucia Henriques. (Org.). *Feminismos, Identidades, Comparativismos: Vertentes nas Literaturas de Língua Inglesa*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014, v. XII, p. 80-91.
- SHADD, Mary Ann (Author). BLACK, Joseph and 10 more (Editors). *A Plea for Emigration; or Notes of Canada West: A Broadview Anthology of British Literature Edition*. Peterborough, Canada: Broadview Press, 2016.

SHADD, Mary A. *A Plea for Emigration; or, Notes of Canada West, in its moral, social, and political aspect: with Suggestions respecting Mexico, West Indies, and Vancouver's Island, for the Information of Colored Emigrants*. Detroit: George W. Pattison (Printer), 1852.

SOJOURNER, Truth. *E eu não sou uma mulher?: a narrativa de Sojourner Truth / contada a Olive Gilbert*. Tradução de Carla Cardoso, Julio Silveira. Rio de Janeiro: Imã Editorial, 2020.

The Canadian Encyclopedia. At: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/canadian-literature>

WILSON, Harriet E. *Our Nig or, Sketches from the Life of a Free Black*. With notes and introduction by Henry Louis Gates, Jr. London: Allison & Busby, 1984

WILSON, Harriet E. *Our Nig or, Sketches from the Life of a Free Black – 150th Anniversary Edition*. New York: Penguin Books, 2009.

WILSON, Harriet. E. *Nossa Negrinha – ou esboços da vida de uma negra livre*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo e Filipe Duarte. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2022.

YEE, Shirley J. *Black Women Abolitionists: A Study in Activism, 1828-1860*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1992.

MARY ANN SHADD

UM APELO À IMIGRAÇÃO

OU

NOTAS SOBRE O CANADÁ DO OESTE:

EM SEUS ASPECTOS MORAIS, SOCIAIS E POLÍTICOS; COM SUGESTÕES A
RESPEITO DO MÉXICO, ÍNDIAS OCIDENTAIS E ILHA DE VANCOUVER,
PARA INFORMAÇÃO DE EMIGRANTES DE COR

Traduzido por

ALISON SILVEIRA MORAIS,

FABRÍCIO LEAL COGO

E HÍLLA S. M. RAMALHO

Observações introdutórias

A vontade cada vez maior das pessoas de cor de estarem plenamente informadas a respeito do Canadá,⁵ particularmente sobre a parte da província chamada Canadá do Oeste; – de tomarem conhecimento sobre o seu clima, solo, a produção e os incentivos que no geral oferece aos imigrantes, e a elas em específico, uma vez que a aprovação da odiosa Lei dos Escravos Fugitivos⁶ (1850) tornou a permanência nos Estados Unidos extremamente perigosa para muitas delas – e a falta de informações em forma resumida e acessíveis a todos são o meu pretexto para oferecer este folheto ao conhecimento do público.

As pessoas estão num impasse. Por um lado, um Governo pró-escravidão que as oprime com um efeito fatal. Por outro, a organização chamada *Colonization Society*, disfarçada de Cristianismo e Filantropia, apoia os esforços deste mesmo Governo, acrescentado à lista uma influência social vasta e imoral, deste modo, tornando ainda mais efetivo o poder já empregado. Informações são necessárias. A África tropical, a terra prometida dos membros da *Colonization Society*⁷, infestada como

5 N.T. No ano de 1841, a Grã-Bretanha uniu as colônias chamadas Alto e Baixo Canadá criando assim a Província do Canadá. Essa união durou 26 anos (1841-1867) e ocorreu devido a violentas rebeliões e protestos nos anos anteriores (1837/38). Desse modo, um ato de União foi aprovado pelo Parlamento em julho de 1840 e proclamado em 10 de fevereiro de 1841. As duas regiões passaram a se chamar Canadá do Oeste (ou oeste do Canadá, hoje referente a Ontário) e o Canadá do Leste (ou leste do Canadá, hoje referente ao Québec). Disponível em: <www.thecanadianencyclopedia.ca>

6 N.T. A Lei do Escravo Fugitivo foi aprovada pelo parlamento estadunidense em 1850, estabelecendo assim que todo escravo fugitivo, mesmo que em um estado livre seja perscrutado, encontrado e devolvido ao seu antigo dono. Este Ato responsabilizou o Governo Federal dos Estados Unidos no que se refere a essa busca e ao julgamento do escravo fugitivo. Disponível em: <www.battlefields.org>

7 N.T. *American Colonization Society* foi uma organização fundada em 1816 por Robert Finley e tinha como principal objetivo, encorajar, enviar e auxiliar a instalar no continente africano os escravos negros libertos, bem como negros nascidos livres dos Estados Unidos da América.

só ela com o sopro da pestilência, um sol escaldante e doenças terríveis, dá a eles suas boas-vindas; ela genuinamente os convida para uma morte moral e física, sob uma escolta voluntária de seus mais amargos inimigos. De novo, muitos observam com apreensão a probabilidade de uma inquisição mais que desumana que ocorre no Sul dos Estados Unidos devido à repercussão da Lei de Escravo Fugitivo. Com a certeza de que nem um lar na África, nem no Sul dos Estados Unidos é desejável perante as presentes circunstâncias, uma investigação a respeito das possibilidades no Canadá se faz necessária.

Empenhei-me em fornecer informações até certo ponto para esse fim, e acreditando que haveria maior confiança em fatos obtidos de dentro do país, através de fontes confiáveis e de observação, do que na repetição de declarações correntes feitas por aí, mesmo de forma honesta, decidi visitar o Canadá e lá coletar as informações que a maioria das pessoas desejam. Estas páginas contêm o resultado de muita investigação: conteúdo esse obtido tanto através de indivíduos como de documentos e artigos de caráter inquestionável na Província.

América Britânica⁸

A América Britânica é bastante conhecida como um país que, em extensão, no mínimo se iguala aos Estados Unidos da América, estendendo-se ao norte até o Oceano Ártico, do Atlântico ao Leste até o Pacífico ao Oeste, e cuja fronteira sul está sujeita às desigualdades de latitude de vários Estados e Territórios do Norte pertencentes ao Governo dos Estados Unidos. Este vasto país inclui dentro de seu território alguns dos mais bonitos lagos e rios do Continente Ocidental⁹. O clima, em localidades mais ao norte, é extremamente severo, mas a certa distância

8 N.T. A América Britânica é o território britânico nas Américas, na época das grandes colônias americanas era composto por parte do atual Estados Unidos, Canadá, Guiana e ilhas do Caribe.

9 N.T. Referente ao continente americano.

do norte dos distritos colonizados, particularmente na parte oeste, o clima é saudável e temperado: epidemias não são tão frequentes quanto nos Estados Unidos devido a temperaturas mais uniformes, e não há registros de doenças locais. A província, que merece atenção especial, já que apresenta os recursos mais desejáveis em um lugar para se morar, é o Canadá, dividido em Leste e Oeste, e destes, o Oeste é o preferível.

Os Canadás e seus climas

O Canadá do Leste, em termos de localização geográfica e de características naturais, não é tão adequado para uma variedade de empreendimentos como a parte mais ocidental da província. A superfície é geralmente irregular e em muitas partes montanhosa. Sua localização mais ao norte submete os habitantes a invernos extremamente frios e deprimentes, e verões curtos, porém quentes. A terra é de boa qualidade e a vegetação é de rápido crescimento, mas a saúde geral da região é inferior à de outros distritos. O estado de Maine apresenta uma boa amostra do Baixo Canadá de maneira geral. A população (que é majoritariamente francesa) está confinada ao Vale de St. Lawrence e aos campos adjacentes.

Em nenhuma parte do Canadá do Oeste, a variação do clima salubre e eminentemente saudável é suficiente para causar qualquer tipo de preocupação. Pelo contrário, isento do calor constante e enfraquecedor das latitudes meridionais e das características igualmente prejudiciais das regiões polares, essa variação contribui muito para a energia mental e física. Pessoas que vivem nas proximidades dos Grandes Lagos e dos distritos vizinhos dizem que os invernos são menos severos do que no passado, quando a floresta cobria aquela região – as nevascas são menos frequentes do que eram antes, e que devido aos grandes blocos de gelo que os Lagos acumulam, a população fronteiriça dos Estados Unidos sofre mais severamente com o frio do que os canadenses, já que o gelo torna os ventos do norte mais intensos. Se essas declarações admitem

alguma dúvida, nós bem sabemos que muitas das cidades prósperas do Canadá estão localizadas mais ao sul do que uma grande parte do Maine, Nova Hampshire, Vermont, Nova York, Michigan e Oregon, e, considerando esse fato, devem possuir todos os benefícios dessa posição geográfica.

Achei apropriado mencionar o frio, em primeiro lugar, porque é essa a característica do clima com que as pessoas mais se afligem: a preocupação dos amigos, que não sabem sobre esse assunto, e de pessoas atenciosas, que não raras vezes apelam para medos sem fundamento, quando temos fatos já bem estabelecidos.

O que se produz em um país também é um assunto importante em todos os casos em que essa questão é levantada, e também se aplica aqui nesse caso. No Canadá, encontramos um abundante crescimento de vegetação, como na região central e norte dos Estados Unidos. Para promover a exuberância da produção de um país de maneira proporcional a outro, as condições necessárias para esse fim também devem ser iguais. Se, com base nos fatos, se pudesse estabelecer a sua semelhança, tal parte do assunto pode ser encerrada por enquanto.

Começando já no mês de março, há indicações de clima primaveril permanente, e em junho e julho, o verão se compara ao do sul da fronteira. Em janeiro e fevereiro sempre há ondas alternadas de frio e calor, pelo que temos experimentado. Porém, quando o período de calor se inicia, ele é intenso e o crescimento da vegetação é rápido; sendo assim, qualquer que seja a deficiência que se atribua a esse curto período, ela pode ser completamente compensada por temperaturas mais estáveis e idênticas depois que a estação quente finalmente chega. Apesar do verão demorar a chegar, ele se prolonga por até o que nós chamamos de outono, e os fazendeiros fazem a colheita de trigo e feno um pouco mais tarde do que nos estados do centro dos Estados Unidos, geralmente em agosto e setembro, sendo os meses nos quais o feno, trigo e outras plantações são colhidas.

Considerando essas circunstâncias em conexão com a regularidade das estações, no caso, o padrão uniforme de calor e frio quando tal tempo ocorre, se explica a superioridade de muitos produtos como trigo e frutas. Eu digo superioridade, porque pretendo fornecer evidências que irão substanciar minha asserção. Em anexo, temos uma tabela que estabelece as temperaturas mais altas, nos anos mencionados, como indica o termômetro Fahrenheit. No texto que segue após a tabela, temos as temperaturas mais baixas registradas ao longo dos meses de setembro e dezembro de 1851, que, por fim, foi dito parecer bastante incomum (temperaturas mais baixas dos últimos vinte anos) pelos habitantes mais antigos da região.

Temperaturas mais altas registradas / temperaturas mais baixas registradas

1840:	84.4°F (29.1°C)	/	18.6°F (-7.4°C)
1841:	93.1°F (33.9°C)	/	6.7°F (-14°C)
1842:	91°F (32.7°C)	/	1.9°F (-16.7°C)
1843:	89°F (31.6°C)	/	9.4°F (-12.5°C)
1844:	96.8°F (36°C)	/	7.2°F (-13.7°C)
1845:	95°F (35°C)	/	4.2°F (-15.4°C)
1846:	94.6°F (34.7°C)	/	16.7°F (-8.5°C)
1847:	87°F (30.5°C)		2.9°F (-16.1°C)

“Estes são os limites extremos de frio e calor registrados no Observatório em um dia durante as estações, mas que não se mantiveram por mais do que algumas horas; a temperatura média dos quatro meses de verão e os quatro meses de inverno nos últimos oito anos foram respectivamente: Verão 75.6°F (24.2°C), inverno 26.7°F (-2.9°C)”. Além do estado normal do tempo no ano passado, em comparação com períodos anteriores, o verão e os primeiros meses do outono foram quentes. E no mês de setembro se registrou 95°F (35 °C) na sombra, sem inferir comentário algum além de uma semelhança do clima em

relação aos Estados Unidos. Resumindo, através de muita conversa com residentes antigos da região, eu acredito que o clima não representa nenhum obstáculo para a imigração, e sim que é o mais desejável em latitudes tão elevadas para imigrantes em geral, e para pessoas de cor particularmente.

Em outras regiões da América Britânica, como por exemplo o Baixo Canadá, Nova Escócia, e Nova Brunswick, o frio é mais intenso; mas quando pensamos na extensão do Alto Canadá, não haveria razões para atribuir um frio severo a todo o território, assim como não se poderia classificar o clima inteiro dos Estados Unidos como pertencente às zonas tórridas, devido apenas ao calor intenso das regiões mais ao sul. Nesta província, a regularidade das estações promove saúde em níveis mais elevados do que em outros países sujeitos a mudanças frequentes, como em grande parte dos Estados Unidos, onde o frio e o calor se alternam rapidamente; e especialmente nas regiões superiores da província, o testemunho unânime é de que este clima promove a boa saúde e a vitalidade.

Solo, madeira e desmatamento de terrenos

A qualidade e os diferentes tipos de solo devem ser o segundo tema abordado, porque, em conjunto com o clima, o solo figura de maneira importante em nossa ideia de comodidade e independência pecuniária; repito, na medida em que há um crescente interesse das pessoas de cor em emigrar para outros países, seu bem-estar, de um ponto de vista pecuniário, dependerá da qualidade do solo. Terras fora dos Estados Unidos, neste continente, não têm valor local se questões de liberdade pessoal e direitos políticos fossem deixados de lado, mas elas são fundamentais, sendo assim, pouco pode ser dito sobre essa questão. Eu quero deixar claro que uma descrição de terras no México provavelmente seria tão desejável quanto das terras no Canadá, se a ideia fosse simplesmente obter terras e então se assentar; no entanto,

é importante sabermos se, por meio dessa investigação, nós apenas agitamos os ânimos e deixamos a opinião pública ainda instável, ou se a nacionalidade permanente está dentro das expectativas de se tornar proprietário e assentado.

A pergunta “o solo do Canadá oferece estímulos suficientes para incentivar os possíveis imigrantes em seu favor?” pode ser respondida segundo a opinião de cada um após considerar os fatos a seguir. Pessoas engajadas na agricultura por grande parte de suas vidas, fazendeiros práticos e competentes, e conhecedores da capacidade de diferentes solos, dizem que esta terra é incomparável até em relação à do Kentucky e dos estados mais ao sul, e naturalmente superior à dos estados do norte. Não é apenas indicada por sua riqueza, pelo aspecto pesado e escuro da terra e a profundidade do solo, que dificilmente é alcançada mesmo por arados de maior capacidade, mas também pelas características dos produtos, e o crescimento inigualável da madeira em terras florestadas.

O trigo, alimento básico do país, pesa em média 27,2 kg o *bushel*¹⁰, muitas vezes excedendo isso; 25,4 kg é a média de peso nos Estados Unidos, tirando Delaware que dificilmente chega a isso. As florestas consistem em nogueiras comuns, nogueiras norte-americanas, carvalho francês e carvalho branco, tília americana, freixos, pinheiros, álamos, todos do maior tamanho, e outros tipos de madeiras inferiores que desconhecemos em nossas florestas do norte. Existe uma enorme variedade entre eles, todos enormes, e sabendo que o tamanho dos vegetais depende principalmente da quantidade de nutrientes contidos no solo, somos levados, nesse caso, a constatar sua superioridade. Além do bastante conhecido trigo, a aveia, o trigo sarraceno, milho indiano e outros grãos crescem com boa qualidade e com ótimo rendimento; e se produz mais por acre do que normalmente é obtido nos Estados

10 N.T. *bushel* é uma unidade volumétrica utilizada especialmente no período colonial para comercialização de grãos, como soja, milho e o trigo, mencionado pela autora.

Unidos, exceto quando há aplicação de material fertilizante, uma prática ainda pouco comum no Canadá até o momento, uma vez que a terra não foi explorada o suficiente para requerer tais aplicações para aumentar sua produtividade.

As variedades de solo são: barro preto (ou humoso), barro arenoso, argila e calcário, sendo o barro preto o tipo predominante. Eu falarei agora sobre os distritos cultivados e aqueles em processo de desmatamento, tão distante ao norte quanto o assentamento de Lord Selkirk, para além dos presentes limites da civilização no país, todavia não me sinto com autoridade para falar, nem prestar, em termos gerais, o testemunho de quem conhece aquela região. É dito que é igualmente fértil, mas com uma produção não tão variada devido à situação setentrional.

A aparência geral da Província é irregular, embora tenha muitos territórios planos. Numerosos e belos rios e córregos menores correm através do país em todas as direções, e por isso não há falta de poder hidráulico. “As planícies”, um termo usado para descrever as regiões planas, “são geralmente arenosas e rendem colheitas regulares de alguns cultivos, sem levar em conta as estações”. Elas são semelhantes às Pradarias Canadenses, mas é necessário mais capital para explorá-las para outros produtos além de madeira. A vantagem de terras com madeira, para investidores de baixo capital, ao invés de pradarias, é considerável.

Em terras cultivadas ou planícies, onde as árvores madeiras crescem de maneira mais dispersa, o retorno imediato da mão de obra utilizada é adiado dependendo do crescimento das plantações, além de o modo de cultivo ser diferente. A madeira tem venda imediata e em dinheiro, e o rendimento com lenha pode ser três vezes maior do que o custo da própria fazenda, mas não tanto em áreas arborizadas. Terras com árvores rendem em média setenta estéreos¹¹ por acre, e cada

11 N.T. Metro cúbico estéreo é uma pilha de madeira roliça de dimensões de 1,0m de largura x 1,0m de altura x 1,0m de comprimento.

estéreo pode ser rapidamente vendido por dois ou dois dólares e meio, em dinheiro nas cidades. A regularidade das estações tende, também, a aumentar a segurança do fazendeiro, de tal forma que ele, entre todas as pessoas, tenha menos apreensão a respeito de carências. “Se o trigo de outono falhar”, diz o pequeno livro citado¹², “ele o substitui pelo trigo da primavera; e nossas estações são tão peculiares, que alguns cultivos sempre serão produtivos – Aqueles cujo capital investido é próprio, com certeza aumentarão seus meios e riqueza – Se o fazendeiro se compromete a não contrair dívidas, e estiver satisfeito com o que sua fazenda produz, ele alcançará a independência em alguns poucos anos.”

O trecho acima exposto tem por objetivo apresentar os benefícios para o imigrante em geral – pessoas com pouco dinheiro, ou sem dinheiro algum – e mostrar o que talvez seja possível acontecer até mesmo aos mais pobres que se radicarem no país. Dos muitos exemplos de sucesso que testemunhei (particularmente de pessoas de cor anteriormente desfavorecidas) eu veementemente acredito que com um machado e um pouco de energia, uma posição de independência pode ser alcançada rapidamente. O custo para limpar as terras selvagens também é um tópico importante; no caso, quer dizer deixar a terra pronta para ser cultivada. Isso inclui a derrubada de árvores e o cercamento do terreno. Isso pode ser feito de forma mais econômica nas proximidades dos distritos assentados. Em terras modestamente florestadas, dez dólares o acre é o valor mínimo – em áreas mais remotas, o preço varia até vinte dólares. Embora a opinião prevalente na Província seja de que o solo é incomparável para atividades agrícolas, seria difícil fazer afirmações

12 N.T. Mary Ann Shadd se refere nesta passagem ao *Sidney's Emigrant's Journal* volume 1, número 6 de terça-feira, dia 9 de novembro de 1849. O *Sidney's Emigrant's Journal* foi um periódico conduzido por Samuel Sidney e John Sidney que circulou entre os anos de 1848 a 1850, teve 1 volume e 41 números. Segundo os autores, o objetivo do periódico é “fornecer orientações práticas e claras às pessoas que desejam emigrar, dizer-lhes onde, quando e como podem empregar seu trabalho de maneira mais vantajosa ou ampliar suas riquezas”. Disponível em: www.migration.amdigital.co.uk/.

sobre a produtividade real do solo, já que pouca atenção foi prestada à capacidade agrícola que a terra suporta. Existem hoje, e provavelmente existirão por um bom tempo ainda, poucos fazendeiros experimentais e científicos, já que atualmente eles plantam mais para a própria subsistência do que para testar as capacidades de diferentes solos. A convicção, no entanto, é irresistível de que um estado de indigência e competência moderada cederá o lugar, em pouco tempo, à riqueza, à inteligência e aos seus concomitantes.

Grãos, batatas e nabos

A tabela abaixo apresenta a média de rendimento por acre dos grãos mencionados em área de pousio:

ARTIGO:	Nº DE <i>BUSHELS</i> :
Trigo	30 (816 kg aprox.)
Trigo sarraceno	15 (408 kg. aprox.)
Centeio	35 (952 kg. aprox.)
Aveia	70 (1904 kg. aprox.)
Cevada	40 (1088 kg. aprox.)
Milho indiano	50 (1360 kg. aprox.)

Outros produtos com um retorno lucrativo e que fazem parte da safra em fazendas bem cultivadas, geralmente nos Estados Unidos, são as batatas – branca, irlandesa e doce – cenouras, nabos, abóboras (de vários tipos, e das melhores que já vi), cucurbita¹³ e tabaco.

Estes vegetais crescem muito e não estão inclusos no que chamamos de “hortaliças de jardim”. Eu nunca vi nos grandes mercados de nossas cidades do norte legumes e hortaliças desse tamanho nem sequer

13 N.T. Cucurbita maxima, conhecida popularmente como abóbora-menina, abóbora-gigante, abóbora-grande e cuieira, é uma planta da família das cucurbitáceas.

parecidos, exceto as batatas doces. A batata irlandesa cresce muito além do seu tamanho comum, e é superior em todos os seus aspectos; o mesmo pode ser dito dos outros tipos. O tabaco cresce bem, e encontra venda fácil a preço alto. Estes artigos, repito, são da melhor qualidade, e não têm, certamente, as características carocudas e fibrosas tão comuns como as dos Estados Unidos. É difícil mensurar a média de rendimento de tais produtos, exceto no caso das batatas e dos nabos, mas uma colheita completa transmitirá a ideia.

Hortaliças

As mais abundantes são os tomates, pepinos, cebolas, beterrabas, repolhos e couve-flor, também berinjelas, feijões, ervilhas, alho poró, aipo, alface, aspargos, melão (melancia, almiscarado e cantalupo) e espinafre. Há outros vegetais além desses, mas já foram mencionados anteriormente. Esses itens, exceto pela melancia e cantalupos, são cultivados no mínimo com tanto sucesso quanto nos Estados Unidos, e os exemplares geralmente vistos nas hortas e nos mercados são decididamente superiores.

Frutas, vinhas e bagas

O Canadá é o país das frutas. As frutas de Nova York, Michigan e Nova Jersey têm sido há tempo muito famosas, mas se uma comparação for feita de maneira justa, a Província receberá distinção por sua preeminência. As maçãs crescem em abundância, selvagens e cultivadas, das pequenas maçãs silvestres até a saborosa maçã cor-de-rosa e maçã reineta; e peras, ameixas e cerejas em muitas variedades. A medida em que essas frutas são cultivadas, e o quanto rendem, é surpreendente. Ameixas amarelas e azuis são cultivadas com facilidade, também morangos, framboesas, uvas, mirtilos e, na verdade, todas as frutas que vemos em nossos mercados, são encontradas em grande quantidade. A impressão de um solo infértil e de escassez de produtos

é contradita quando visitamos os mercados de Toronto, Hamilton e outras cidades grandes. Toronto pode ser visto como um dos melhores mercados da América em todo e qualquer aspecto, sendo os suprimentos fornecidos por fazendeiros de seus próprios distritos agrícolas. Na Feira Estadual, realizada em Detroit, Michigan, em 1851, os prêmios de primeiros colocados nas categorias frutas, aves e gado foram concedidos a fazendeiros canadenses; também na Feira realizada no Oeste de Nova York naquele mesmo ano.

Animais domésticos, aves e aves de caça selvagens

De maneira geral, os cavalos não são tão grandes quanto os que encontramos na região Centro-Oeste dos Estados Unidos, mas de porte médio, particularmente aqueles utilizados pelos franceses; mesmo assim, ocasionalmente, é possível encontrar cavalos de grande porte entre eles, gado e ovelhas também. O tamanho do gado parece não afetar seu preço nos mercados, como carne bovina e ovina, e é considerado por epicuristas como da melhor qualidade. Eu me refiro aos franceses em relação a esse assunto, porque é sabido que são parte considerável da população. Entre os ingleses e outros fazendeiros, há uma tendência em focar seus esforços em melhorar a qualidade do gado: a concorrência aqui acontece com o mesmo entusiasmo que nos Estados Unidos; como consequência, são donos dos melhores tipos de gado e de cavalos em tamanho e reputação. O pônei rústico canadense, assim como os belos cavalos de tração, os cavalos para carruagem e o gado de Durham, assim como outros tipos célebres, são bastante apreciados. O orgulho dos fazendeiros canadenses, como mostrado nessa bela seleção de tais animais, não é nem um pouco inferior à dos seus “vizinhos americanos”; como mencionado anteriormente, os mais elevados prêmios pela qualidade de gado e ovelhas em Rochester e Detroit, em 1851 foram outorgados aos fazendeiros canadenses.

Para compreender completamente os recursos do Canadá neste quesito, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade, para o trabalho ou outros propósitos, uma visão sobre as fazendas bem abastecidas, com seus rebanhos de cavalos, bois, vacas, ovelhas e porcos, valeria a pena uma boa visita ao país para todos aqueles céticos sobre esse tópico, ou para verificar a excelente carne bovina, a carne de carneiro, vitelo e carne de porco expostas para venda – imbatíveis em qualquer lugar em qualidade e abundância. Os preços variam como em qualquer outro lugar, de acordo com a demanda, mas habitualmente eles são:

Carne Bovina ¹⁴		4 e 5 centavos por libra ¹⁵
Carne de Carneiro		5 centavos por libra
Vitelo		4 e 5 centavos por libra
Carne de Porco		5 e 6 centavos por libra

Mais uma vez, a manteiga e o queijo, derivados diretamente desses animais, devem ser, e são, superiores devido à natureza do pasto e à qualidade da alimentação deles. Entretanto, devido às condições dos assentamentos recentes, aos meios de distribuição e fatura, os assuntos ligados às “questões relativas às donas de casa” geralmente não são tão bem conduzidos como em outros países mais populosos e estabelecidos, onde há uma ampla e livre competição de gostos e opiniões a respeito do manejo e provisão desses produtos para o mercado. O custo médio da manutenção do gado é baixo, sendo que, durante o verão, os pastos fornecem alimento amplamente para toda a estação; no inverno, muitos marcam seus cavalos e os soltam nas áreas arborizadas, em campo aberto, onde eles nunca deixam de encontrar raízes e grama. Vários são vistos no meio do inverno, aparentando estarem tão bem quanto

14 N.A. Os preços da carne não são uniformes, como dito anteriormente, devido ao aumento da demanda, os preços vêm aumentando recentemente para o que normalmente é o preço nos Estados Unidos. Esses preços, sem sombra de dúvidas, não continuarão assim, mas serão determinados pela oferta de mercado.

15 N.T. Referente à 453 gramas.

aqueles que estão abrigados e alimentados no galpão. A neve protege o gramado e devido a sua altura e abundância, os animais sobrevivem do material que conseguem ao remover a camada de neve, além dos arbustos que começam a crescer cedo na floresta.

As fazendas geralmente possuem galinhas, perus, gansos e outros tipos de aves em grande número, e todas elas encontram venda fácil. Normalmente, o preço para aves domésticas é de dois a dois xelins¹⁶ e seis pences o par, quando há grande quantidade; ovos, de 10 a 12 centavos e meio a dúzia, e podem ser colocados à venda em qualquer quantidade aos comerciantes sem deixar a fazenda. Numerosos vendedores ambulantes circulam em todas as direções pelo país para comprar e revender nas cidades grandes. No inverno, esses itens, assim como as hortaliças e outros produtos, são frequentemente vendidos a um valor considerado alto nos Estados Unidos, devido ao rápido crescimento populacional, tornando insuficiente o suprimento disponível. Gansos são geralmente vendidos por dois xelins; perus, um dólar, tanto domésticos quanto selvagens. Há aves de caça em grande quantidade, e a carne de perus também encontra venda garantida. A caça é um costume de todas as classes, e patos, esquilos (negros¹⁷), pombos, veados, lebres, codornizes, faisões e outras aves são abatidas em grande número. Animais selvagens não causam problemas, embora em distritos remotos vez ou outra um urso ou lobo apareça; raposas também podem causar danos às vezes, mas não frequentemente.

Preço das terras no país e propriedade municipal

Já que as regiões nos arredores de Toronto e mais ao leste são densamente povoadas (fazendas sendo anunciadas “na milha trinta da rua Yonge”), os preços das propriedades são, obviamente, muito mais

16 N.T. é uma unidade monetária que está ou esteve em uso em muitos países (particularmente ex-colônias britânicas).

17 N.T. Referente ao Esquilo-Gigante-Negro (*Ratufa bicolor*).

altos do que em distritos mais ao oeste. Os lotes urbanos variam de acordo com a localização. Duzentos dólares o pé¹⁸ é o valor dos lotes de boa localização em Toronto; nos subúrbios, ótimos lotes podem ser adquiridos por preços razoáveis.

Fazendas a poucos quilômetros de distância alcançam o valor de trinta a cinquenta dólares o acre, sendo o de cinquenta um valor justo para terras de boa qualidade e com melhoras¹⁹; já nos distritos ao oeste, fazendas inteiras podem ser compradas por mil dólares, superiores em todos os quesitos em comparação às fazendas mais próximas a Toronto, que custam por volta de cinco mil. Terras com melhoras próximas a Chatham, London, Hamilton e outras cidades ao oeste, podem até ser vendidas a preços variando de dez a cem dólares. A alguns quilômetros de distância, terras que não foram desflorestadas pertencentes ao Governo podem ser adquiridas pagando um dólar e sessenta e dois centavos, dois, e até dois dólares e cinquenta centavos, de acordo com a localização – terrenos com bastante madeira e água, próximos a terras cultivadas, rios e lagos.

Centenas de acres de terra da melhor qualidade na Província estão atualmente no mercado pelos valores mencionados acima, e tanto no interior, quanto em locais bem situados para usufruir de lagos e próximos a excelentes mercados. As terras estão dispostas no que é chamado de concessões, essas concessões, ou blocos, sendo subdivididos em lotes. Há assim, uma certa uniformidade na aparência entre todas as fazendas, e não há embates em relação às estradas em propriedades privadas, já que elas foram projetadas para beneficiar todas as propriedades adjacentes igualmente, e estão sob jurisdição do Governo. Cem acres é a menor porção possível que pode ser adquirida do Governo, mas

18 N.T. Possivelmente a autora se referia a jardas ou até mesmo acres, levando em consideração o valor informado, entretanto, preferimos manter a medida informada de pés, que seria referente à 30 centímetros no sistema métrico.

19 N.T. Se trata de terras desmatadas que não foram utilizadas para construção em nenhum momento. Solo fértil, solo pronto para plantio.

alguns proprietários as vendem em quantidades menores para atender aos compradores. Grandes quantidades de terras são posse de alguns indivíduos, então vendem a uma taxa mais elevada do que aquela mantida pelo Governo, e suas escrituras muitas vezes são consideradas irregulares.

Em todos os aspectos, a preferência deve ser por comprar diretamente do Governo. A terra é mais barata, assim como melhor situada, e não é possível comprá-la abaixo de determinado número de acres; tal proibição traz vantagens para muitos que desejam comprar, pois induz um espírito de iniciativa e concorrência, e um senso de responsabilidade. Muitos estão, por conta própria, sobrevivendo miseravelmente em seus poucos acres de terra (dez, vinte, ou algo desse tipo), comprados por valores altos de proprietários particulares, em um país no qual os preços devem, durante muito tempo, exigir mais terras cultivadas para se obter uma condição financeiramente mais segura. Existem muitos incentivos para comprar, na proximidade ou dentro das cidades, assim como no interior, já que a terra é barata, o comércio está em ascensão, há estável crescimento da população, nenhuma escassez de empregos com bons salários e não há restrições em relação à cor da pele ou de outro tipo.

Mão de obra e comércio

No Canadá, assim como em outros países recém estabelecidos, há muito a ser feito, e comparativamente poucas pessoas para realizar o trabalho. As numerosas cidades e vilas que estão surgindo, e a alta demanda por madeira e produtos agrícolas, aumentam a procura de todos os tipos de mão de obra. Todos os ofícios que existem nos Estados Unidos existem também no Canadá e seus serviços são indistintamente procurados por todos, sem que nenhum julgamento pela cor da pele afete os negócios. Se um homem negro conhece bem seu próprio negócio, ele terá o mesmo número de clientes que os homens brancos. Ele não é obrigado a trabalhar mais e melhor e cobrar menos por isso.

Ele não é associado com nenhuma classe difamada, todo o trabalho pode vingar ou não de acordo com o mérito, não por causa da cor da pele. Construtores e outros tipos de trabalhadores de diferentes cores de pele trabalham juntos em um mesmo prédio ou em uma mesma oficina, em perfeita harmonia, e não raras vezes, o dono do estabelecimento é de cor, enquanto a maioria dos homens empregados são brancos. Negócios que em comunidades mais antigas deixaram de lucrar rendem uma grande porcentagem do dinheiro investido.

Os recursos minerais dos Canadá não foram ainda totalmente desenvolvidos para combustível, porque, a madeira geralmente é utilizada, e há comércio lucrativo desta mercadoria. Além disso, madeira serrada para construções, a obtenção de matéria prima para cabos, bastões e material de toneleros, e vários outros propósitos geram emprego estável a valores justos, em dinheiro. O estado atual das coisas deve melhorar e se tornar mais importante nos mercados canadenses, já que a numerosa população do oeste dos Estados Unidos queima ou se apropria de sua madeira. Ferrovias estão em processo de construção – barcos a vapor navegam entre Toronto e outras várias cidades através dos rios; em breve dizem que o ferro e outros materiais estarão em plena operação, todos exigindo sua cota e, claro, mantendo sua demanda. Tábuas para os mercados internos e externos são manufaturadas com sucesso, e numerosos locais de moagem estão sendo rapidamente reapropriados e se tornando serrarias e moinhos de grãos.

Em algumas áreas, os homens de cor se envolviam com o trabalho de serralha por conta própria. Em Dawn, uma colônia em Sydenham (da qual falarei mais adiante), e em outros pontos, esse tipo de negócio é realizado gerando lucro para eles. Enumerar os diferentes tipos de serviços realizados por pessoas de cor de forma detalhada seria exaustivo, e não pretendo me alongar em expressar o objetivo desse folheto, que é demonstrar as vantagens de se estabelecer em um país que não tolera a escravidão, e onde não existe qualquer tipo de preconceito relacionado à cor de pele – a adaptação de tal país, tanto em matéria de clima,

solo e caráter político, supre suas necessidades físicas e políticas, além da superioridade em ter uma residência aqui, ao invés da posição atual em “casa”²⁰. Será suficiente que os homens de cor continuem exercendo diferentes tipos de ofícios – que sejam lojistas, fazendeiros, balconistas e trabalhadores – não apenas não serão maltratados, mas ao contrário, serão encorajados em qualquer negócio para o qual sua qualificação e meios os habilitem; e à medida que os recursos do país se desenvolverem, novos tipos de empreendimentos estarão abertos a todos, e conseqüentemente, novas razões para um esforço digno.

Igrejas e escolas

Nos municípios e cidades grandes, assim como em comunidades similares em outros países cristãos, os meios para a instrução religiosa são amplos. Há igrejas suntuosas às quais todas as classes podem ir e adorar a Deus, e sem “banco para pretos”, ou outros assentos para pessoas de cor especificamente. Me surpreendeu sobremaneira, quando estive em Toronto, o contraste entre a comunidade religiosa lá presente e o nosso enorme corpo de cristãos estadunidenses. Nas igrejas, originalmente construídas pelos canadenses brancos, a presença de pessoas de cor sentadas em meio as outras não suscitou nenhum comentário. São membros, visitantes, e podem sentar no banco que quiserem, próximos da porta, mais aos cantos, ou no centro, como melhor acharem. O número de pessoas de cor frequentando as igrejas junto aos brancos constitui minoria, acredito eu. Eles têm suas “próprias igrejas”.

É evidente o suficiente que essa é uma característica de sua política que traz danos para todos dentro da comunidade negra; e a opinião dos mais bem informados e mais influentes entre eles, em Toronto e outras cidades grandes, é categórica e universal. Tenho ouvido pessoas que aqui residem há muitos anos, e que foram, em certa medida, moldadas por um sentimento elevado de coletivo, expressarem profunda tristeza pela

20 N.T. Refere-se aos EUA.

insistência das pessoas de cor em recusar obstinadamente as propostas de comunhão religiosa vindas dos brancos; apesar de experiências que provam o contrário, dando origem a igrejas metodistas²¹, batistas e outras voltadas exclusivamente para as pessoas de cor.

Essa opinião permanece entre muitos que, quando ainda nos Estados Unidos, eram membros de igrejas para pessoas de cor. Além do caráter de casta, sua influência sobre pessoas de cor é nefasta. O caráter das Igrejas exclusivas no Canadá tende a perpetuar a ignorância, tanto de sua real posição como súditos britânicos, quanto da religião cristã em sua pureza. É impossível observar com ponderação os trabalhos da emergente Igreja de Sião (Igreja canadense africana, ou qualquer que seja sua denominação), em seu estado atual defeituoso, sem realmente lamentar que alguém tenha considerado necessária sua existência. Em seu seio se nutrem preconceitos inflamados e de longa data. O ódio contra os brancos, sem exceção, que se originou devido à opressão estadunidense, e que deveria ter sido deixado para trás no país que se originou é aquele tipo de animosidade que não é delimitada por fronteiras geográficas, e nem sofre distinção.

Uma boa parte das pessoas no Oeste da Província (já que há poucas na região leste), dispõe de oportunidades religiosas superiores, mas a maioria precisa muito dos esforços das atividades missionárias: primeiro, para ensiná-los o amor ao próximo; e em seguida, oferecer a todos uma correta e inteligente interpretação das Sagradas Escrituras. A força missionária, atualmente, consiste em seis pregadores – todos cavalheiros ativos, eficientes e altruístas no mais alto grau; há muitas mulheres envolvidas em ensinar sob as mesmas circunstâncias. Muita privação, sofrimento, resistência e tristeza aguardam o missionário naquela região. Se eles pudessem de alguma forma prever o que os aguarda por lá, uma missão na Índia, ou nas ilhas Fiji, seria preferível;

21 N.T. Referente à Igreja Metodista Episcopal Africana (*Colored Methodist Episcopal Church*).

porque nesses casos, a simpatia de toda a comunidade é assegurada, e a permanência no local se faz a mais prazerosa possível. As pessoas a que são enviados são ou crianças, simples e confiantes, ou completos selvagens, nesse caso, inimigos mortais.

Nessas localidades menos remotas (quase ao alcance da voz) são comuns a negligência da parte dos amigos, as suspeitas, o abuso, a falsidade e insegurança por estarem sujeitos a uma vigilância degradante, muitas vezes gerando consequências graves. Não diretamente dos fugitivos – que devem ser os primeiros beneficiados pelas missões – mas é possível que alguns sejam investigados por agressão. Eles possuem um desejo de conhecer a luz, e tendem a se agrupar ao redor dos nobres missionários. Há aqueles que fingem ter sido iluminados, e que dizem ter em seus corações o bem comum, cuja influência e ações que eles descobrirão neutralizando intencionalmente seus esforços conscienciosos, apelando de maneira mais eficaz para uma origem comum e sofrimento afim, mas atacando sorrateiramente e desacreditando o caráter e as operações do missionário aos olhos de uma comunidade cristã simpatizante. Isso e mais aguarda aquele que for chamado para a tarefa. Mas o caso nem sempre é desanimador. O bom senso nativo dos fugitivos, quando amparado por boas escolas, acabará revelando o real caráter de suas ações e sacrifícios. Eles e suas famílias, mais do que todas as outras, devem ter o apoio dos cristãos.

Os refugiados expressam um forte desejo de obter cultura intelectual, e as pessoas geralmente começam sua educação numa fase da vida considerada em outros países como “muito tarde”. Não há escolas separadas²²: em Toronto e em muitos outros lugares, assim como nas igrejas, as pessoas de cor dispõem das escolas que já existem por lá; já em locais mais ao oeste, em algumas partes, há uma tendência de “exclusividade”. As pessoas de cor daquela região peticionaram, durante uma revisão das leis escolares, para que fossem criadas escolas separadas:

22 N.T. A palavra separada remete ao sentido de segregação.

houve também contrapetições daqueles que se opuseram a isso, e para satisfazer todas as partes envolvidas, doze proprietários dentre eles, puderam, seguindo formulários de prescrição legais, exigir uma escola para suas crianças. Todavia, se outras escolas, sob administração governamental surgissem (como as católicas e protestantes), eles poderiam também exigir vagas para seus filhos, caso não tenham. Sendo assim, eles não são pressionados a terem uma escola para pessoas de cor. O trecho da lei escolar que se refere a esse tema é o que segue:

E seja promulgado que será dever do conselho municipal de qualquer município, e do conselho administrativo de qualquer cidade, vila ou vilarejos adjuntos, o pedido feito por escrito de doze ou mais chefes de família residentes, que autorize o estabelecimento de uma ou mais escolas separadas, para protestantes, católicos romanos, ou pessoas de cor, e, nesse caso, prescreverá o limite de divisões para tais escolas, e tomará as mesmas providências para a realização de uma primeira reunião para as eleições do corpo administrativo para cada uma das escolas separadas, conforme previsto na 4º seção deste Ato para a realização da primeira reunião escolar em nova sessão escolar: Que seja garantido que cada escola separada entre em operação ao mesmo tempo, com as devidas alterações nas sessões escolares, e que esteja sob o mesmo regulamento em consideração às pessoas que frequentam essas escolas, assim como as outras escolas em geral: Que seja garantido, em segundo lugar, que ninguém além de pessoas de cor tenha permissão para votar nas eleições do corpo administrativo dessas escolas, e ninguém, exceto as partes peticionárias que solicitaram o estabelecimento escolar separado para o amparo de suas crianças, protestantes ou católicas romanas, tenha o direito de votar para o corpo administrativo dessas escolas: Que seja garantido, em terceiro lugar, que cada escola separada, protestante ,

católica romana ou para pessoas de cor tenha o direito de se beneficiar do fundo escolar de acordo com a frequência média dos alunos em cada uma dessas escolas separadas (levando em consideração a frequência média tanto no verão quanto no inverno), em comparação com a frequência média dos alunos em escolas comuns de outras cidades, vilas, vilarejos e municípios: Que seja garantido, em quarto lugar, que não será permitida a criação de escolas protestantes separadas em nenhuma divisão escolar, exceto quando o professor da escola comum for católico romano, assim como não serão permitidas escolas separadas católicas romanas, exceto se o professor da escola comum for protestante.

Como mencionado anteriormente, a possibilidade de se obter uma educação liberal é ampla nas vilas e cidades grandes. Em Toronto, alunos de todas as cores de pele estudam juntos, nas escolas e colégios de melhores níveis. As atividades de missionários são intensas entre a população de cor; sendo assim, estabeleceram escolas relacionadas aos seus trabalhos, mas que também estão abertas a todas as crianças sem exceção. As escolas comuns para pessoas de cor têm um caráter mais diversificado que as privadas, mas sem que haja exceções de que eu tenha ouvido falar, estão abertas a todos. O Ato do Parlamento acima referido foi projetado para fornecer as mais completas e equitativas oportunidades a todos, e essa cláusula em particular foi inserida com esse objetivo em mente, apesar de beneficiá-los menos do que tinham solicitado.

Os fugitivos, em alguns casos, assentavam-se em terras do Governo antes que elas fossem vendidas no mercado, limpando-as e melhorando-as. Seus amigos estabeleceram escolas que estavam se desenvolvendo, quando precisaram se separar e seu povo se dispersar, devido à impossibilidade de comprar terras que outras pessoas já

havam comprado. Causa essa que, em certa medida, atrasou muito a disseminação de informação entre eles.

Repito, dez, doze, ou até mais famílias geralmente assentam-se próximas umas das outras, ou intercaladas entre franceses, holandeses, escoceses, irlandeses e índios²³, nos distritos mais florestais: frequentemente, o idioma inglês não é falado. É possível que não haja uma escola de inglês, mas todos regozijam-se em sua feliz ignorância. Nada além do som de machados, e suas próprias ideias cruas de independência, para inspirá-los, a não ser também uma boa fogueira indígena ocasionalmente. Isso talvez pareça uma situação pouco convidativa para quem vive em cidades populosas, mas é verdade que há muitas famílias adultas de brancos e de pessoas de cor que não conhecem situação melhor.

Porém, por mais desinteressante que os detalhes possam parecer, particularmente, os sinais podem ser de fato encorajadores. Se foram trabalhar honestamente numa região semibárbara, abriram caminho para que atualmente sejam capazes de se fazer ouvir em suas demandas por instrução religiosa e escolas. Muitas pessoas eficientes dedicam seu tempo e seu talento à instrução, mas não há o mesmo número para o ofício, e é difícil encontrá-los com materiais suficientes para trabalhar.

Indivíduos nos Estados Unidos geralmente enviam livros para os mais necessitados, no entanto, frequentemente o seu caráter os torna completamente inúteis. Com frequência me pergunto se é algo realmente positivo enviar almanaques antigos, velhos romances, e todo tipo de livros obsoletos para eles. Que bom propósito isso cumpre? Ou que tipo de vaidade é gratificada no ato de esvaziar velhas bibliotecas e enviar material inútil a fugitivos carentes?

Seria infinitamente melhor não enviá-los, mas parece que as pessoas que os enviam pensam diferente. O caso é agravado, já que

23 N.T. A escolha do termo “índio” é discutida nas notas tradutórias ao final do texto.

há o real desejo, da parte dessa população, de aprender, devido à sua prévia falta de oportunidades. Provavelmente essa propensão em doar seja gratificante, mas por que não doar quando esses presentes são *necessários*, ou pelo menos sejam úteis? Mas a pergunta, se respondida com qualquer boa razão, sobre doar tais livros, nunca foi respondida satisfatoriamente para os fugitivos em seus lares canadenses.

Assentamentos: Dawn, Elgin, a *Institution*, e *Fugitive's Home*

Muito tem sido dito sobre os assentamentos de pessoas de cor no Canadá, e muitos expressaram temores de que encorajar assentamentos exclusivos resultaria na tentativa de igualar homens de cor com homens ainda escravizados nos Estados Unidos e, como consequência, isso causaria discriminação, suspeita e desconfiança. Tal situação seria inevitavelmente o resultado, e será, se eles determinarem que os assentamentos sejam totalmente restritos a essa população. Aqueles que já existem, até onde pude apurar os fatos, não excluem brancos de suas proximidades; mas não há certeza de que assentamentos com tais características não possam ser estabelecidos.

Dawn no rio Sydenham, Elgin, ou *King's Settlement*, como é chamado, situado a cerca de 16,09 quilômetros de Chatham, são assentamentos nos quais há regulamentações sobre as questões morais e a compra de terra que afetam apenas as pessoas de cor; no entanto, brancos não são excluídos por aversão. Quando a compra das terras foi feita, muitas famílias brancas já residiam lá; ao menos, não foram selecionadas localizações nas quais nenhuma delas residia. No início, algumas famílias venderam suas propriedades, temendo que tais vizinhos pudessem não ser agradáveis; outras, e elas eram a maioria, decidiram permanecer, e o resultado comprova seu bom senso. Em vez de um aumento de vícios, preconceito, imprevidência, preguiça, ou falta de energia que muitos temiam que os caracterizassem, a infreqüência de violações da lei entre

tantas pessoas é sem precedentes. A devida atenção foi prestada à cultura moral e intelectual; os preconceitos anteriores da parte dos brancos têm dado lugar a uma reciprocidade perfeita de intercomunicação religiosa e social. As escolas são frequentadas igualmente; o evangelho é comum e a hospitalidade é compartilhada igualmente por todos.

A escola para assentados em Elgin é superior à que foi estabelecida para crianças brancas, tanto é que esta foi descontinuada, e, como dito anteriormente, as crianças são mandadas juntas à escola e frequentam a mesma Igreja Presbiteriana lá fundada. Sobre Dawn: esse assentamento está prosperando extremamente bem, e a influência moral que ele exerce é boa, embora, devido a alguns acordos recentes, regulações destinadas a promover ainda mais sua importância estão sendo criadas. Os terrenos aumentaram de valor nestes assentamentos. Propriedades que valiam pouco, a partir do cultivo superior utilizado pelas pessoas de cor comparado com o método praticado antes, e o aumento de interesse por propriedades rurais fez com que passassem a valer muito mais. Outro fato que merece ser noticiado é que um espírito de concorrência opera em suas imediações. Esforços estão agora sendo feitos para produzir mais por acre e fazer com que a terra e as habitações apresentem uma aparência arrumada.

Não é razoável que outros membros, além dos designados para serem beneficiados pela organização o sejam, mas outras pessoas que não são membros da sociedade podem reivindicar, de maneira justa, regulações igualitárias com os membros. Se os irlandeses concordassem com determinada regulamentação de compra de terreno, nenhum proprietário vizinho poderia legitimamente compartilhar com eles o status de tal organização. No entanto, preconceito não seria a causa de exclusão. Assim não se pode dizer que esses dois assentamentos sejam instituições de casta, uma vez que não expressam hostilidade para com os brancos; no entanto, a questão da necessidade deles no local pode ser levantada, e por vezes o é pelos assentados no Canadá assim como nos Estados Unidos.

A “Instituição” é um assentamento sob a direção da Igreja AME (Metodista Episcopal Africana). Ele contém, atualmente, duzentos acres e é vendido em fazendas de dez acres a um dólar e cinquenta centavos por acre, ou a um xelim a menos do custo. Abriram recentemente uma escola e há uma capela em construção e um cemitério também. Há cerca de quinze famílias assentadas no terreno, das quais a maioria limpou o lote, mas o terreno não está em condições muito prósperas, devido, segundo dito, à má manutenção por parte dos agentes – um resultado que se pode esperar devido à falta de conhecimento que os caracteriza. Espera-se que essa “Instituição” seja um núcleo em torno do qual os assentamentos de casta se agruparão no Canadá.

A Refugee's Home será o último dos assentamentos de que falarei aqui. Quantos mais estão sendo contemplados eu não sei, embora eu tenha ouvido falar de pelo menos dois outros. Essa Sociedade é projetada para se apropriar de cinquenta mil acres de terra a serem destinados *apenas* para fugitivos da escravidão, porém atualmente os agentes têm posse de *só* duzentos acres situados a cerca de treze quilômetros de Windsor, no distrito ocidental. O plano é vender fazendas de vinte e cinco acres, ou seja, conceder cinco acres para assentados estabelecidos com o direito de comprar vinte acres adjacentes a preço de mercado. Um terço do dinheiro da compra constitui um fundo para a escola e outros propósitos; e se outorga um prazo de dez anos para o pagamento dos vinte acres, porém a dívida não está sujeita a acúmulo de juros. Esta sociedade pode ser considerada como ativa, uma vez que fizeram a compra, mesmo que, até agora, ninguém tenha se assentado ali, e os resultados que se esperam do assentamento, a partir da extensão de seus empreendimentos, terão uma influência importante sobre pessoas de cor que estão assentadas agora no Canadá, ou sobre aquelas que possam emigrar para lá.

Os apoiadores da sociedade, movidos por sentimentos benevolentes para com as vítimas da opressão americana e da odiosa Lei do Escravo Fugitivo, estão otimistas quanto ao sucesso da medida, porém, não

é tão universal a opinião a seu favor, mesmo até entre aqueles que iriam se beneficiar. Na verdade, todas as objeções levantadas contra os assentamentos existentes anteriormente se aplicam a esse, com algumas objeções adicionais de maior proporção. É sabido que a Lei do Escravo Fugitivo traz insegurança a todas as pessoas de cor do norte dos EUA. Os libertos igualmente correm o risco de serem enviados para o sul. Consequentemente, muitas pessoas, nascidas livres, deixariam os Estados Unidos e se estabeleceriam no Canadá e em outros países, elas permaneceriam em sua terra se tal lei não tivesse sido promulgada.

Em comunidades pró-escravidão, ou onde a influência da colonização prevalece, eles partiriam com sacrifício; consequentemente chegariam ao Canadá indigentes, mas não poderiam se assentar nas terras da *Refugee's Home*, apesar de, porventura, terem a liberdade nominal²⁴, quando é bem sabido que mesmo escravos do sul – devido ao fato de que os brancos consideram o trabalho manual uma desonra – têm oportunidades pecuniárias que homens de cor não têm em algumas partes do norte. Novamente, a política dos senhores de escravos tem sido de disseminar desprezo pelas pessoas livres entre seus escravos, e estão sendo bem sucedidos. Sua viagem ao Canadá pela liberdade não desarraigou, ao menos não completamente, tal preconceito, e pessoas de cor geralmente fazem menções ao status de nascimento de um homem, como livre ou escravo, caso ele não seja tão próspero quanto seu irmão fugitivo que recebeu ajuda. Desta maneira, desacordos entre membros da mesma família se engendram; a brecha, do uso exclusivo das terras da sociedade por fugitivos, provavelmente não resolverá o problema. Novamente, a sociedade com seus recursos financeiros é vista como um poderoso rival ao homem livre pobre, pois não comprarão somente terras do Governo, e nem somente grandes blocos de terra como na primeira compra, mas qualquer terra, onde quer que se encontrem, também em pequenos lotes. Da natureza exclusiva de muitos assentamentos (como

24 N.T. Referente à liberdade declarada não necessariamente formal.

lares para fugitivos), quando proprietários individuais descobrem para qual propósito se quer aquela(s) terra(s), só as vendem por valores acima do real, constringendo as pessoas pobres que as teriam comprado no ato e como comprador autorizado do Governo, a sociedade escolhe primeiro.

As objeções em comum com outros assentamentos são: a supervisão individual de agentes residentes e o ágio oferecido indiretamente por bom comportamento. “Nós somos homens livres”, dizem os que advogam pelo esforço independente, “nós, como outros súditos, estamos submetidos às leis britânicas; nós gostaríamos de observar e nos apropriar nós mesmos, *nós mesmos*, de tudo que há de bom na sociedade ao nosso redor, e por nossos esforços individuais, para atingir uma posição respeitável, assim como fazem muitos estrangeiros que desembarcam nos litorais canadenses, tão pobres em recursos como nós éramos; e não queremos que agentes mendiguem por nós.” Os seguintes são artigos da Constituição²⁵:

Artigo 2. O objetivo desta sociedade deve ser obter moradias permanentes para os refugiados no Canadá e promover sua elevação moral, social, física, intelectual e política.

Artigo 11. Esta sociedade não deve transferir por escrituras as terras para outrem, exceto assentados verdadeiros, aqueles que são refugiados da escravidão do sul e aqueles que não sejam donos de terras.

Artigo 12. Todas as terras compradas por esta sociedade devem ser divididas em lotes de vinte e cinco acres ou o mais próximo possível, e pelo menos um décimo do preço da compra deve ser pago pelos próprios assentados antes que a posse seja concedida e o saldo seja pago em parcelas anuais.

25 N.T. Referente à Constituição da Província vigente na época.

Artigo 13. Um terço de todo o dinheiro pago por terras pelos assentados deve ser utilizado para propósitos educacionais, para o benefício dos filhos desses assentados, e os outros dois terços para a compra de mais terras para o mesmo fim, enquanto a escravidão existir nos Estados Unidos.

Estatutos

Nenhuma pessoa deve receber mais do que cinco acres de terra desta sociedade pagando menos que o seu custo.

Artigo 4. Não será permitido a nenhuma pessoa remover madeira alguma da referida propriedade até que tenha primeiro efetuado seu pagamento.

Estes são os artigos de maior importância. Como será visto, eles contemplam mais de cinquenta mil acres de compras contínuas até a escravidão cessar; e outros termos, como serão vistos no Artigo 13 da Constituição e no Artigo 4 dos Estatutos, que a maioria dos fugitivos da escravidão podem cumprir (assim como mulheres necessitadas com família, homens velhos e mulheres solteiras), até desenvolver familiaridade parcial com o país adotado. O benefício não começará, dizem muitos canadenses de cor, senão até que um homem prove sua capacidade de agir sem auxílio e esteja apto à equidade política por seu próprio esforço, assim o dinheiro chegará a qualquer momento.

Direitos políticos, Lei Eleitoral, juramento e a moeda

Não há nenhuma discriminação legal que afete imigrantes de cor no Canadá, e nem por nenhuma causa se pretende restringir seus privilégios. Ao se tomar as devidas medidas a mais ampla retificação pode ser obtida. As seguintes “ementas de lei” – que se aplicam a todos igualmente, e observadas plenamente por homens de cor qualificados – dará uma ideia destas medidas²⁶:

26 N.A. Almanaque Canadense Scobies (*Scobies Canadian Almanac*) para o ano de

As qualificações dos eleitores, para eleições municipais, são proprietários e locatários do referido município, inscritos no rol de bens imóveis tributáveis, próprios ou de suas esposas, como proprietários ou inquilinos, e residentes do município ou do distrito eleitoral durante o período.

Nos municípios, os proprietários e locatários de bens imóveis tributáveis em seu próprio nome ou no de suas esposas, na qualidade de proprietários ou inquilinos com renda de £5 por ano ou mais, residentes à época no município. A qualificação de propriedade de residentes eleitores pode consistir parcialmente de propriedades e parcialmente de locações.

Em vilarejos o valor é de £3 ou mais, propriedade ou locação; e em cidades de £8.

As leis que regulam as eleições, e relacionadas aos eleitores, não são similares nos dois Canadá; mas pessoas de cor não são mais afetadas por elas do que as outras pessoas.

Nenhuma pessoa deve ter o direito de votar nas eleições do condado, que não possua, por título legal, bens imóveis no referido condado no valor venal anual de quarenta e quatro xelins e cinco pence e um centavo, moeda corrente. O título deve ser de propriedade absoluta ou propriedade livre de livre e comum sociedade, ou em *fief*²⁷ em

1852.

27 N.T. No feudalismo europeu, um *fief* (ou feudo) era uma fonte de renda concedida a uma pessoa por seu senhor em troca de seus serviços. O feudo geralmente consistia na terra e também no trabalho dos camponeses que a cultivavam. A renda sustentava o indivíduo, também conhecido como vassalo do senhor feudal, pois era obrigado a lutar por seu senhor como cavaleiro. Desse modo, é o direito à terra atrelado ao dever de prestação de serviços. Disponível em: www.merriam-webster.com.

*rature*²⁸, ou em *franc allen*²⁹[sic], ou concedido pelo governador e Conselho da antiga Província de Quebec, ou Ato do Parlamento. *Qualificatori*, para ser efetivo, requer posse vigente e ininterrupta da parte do eleitor, ou que conste nos recibos dos aluguéis e lucros da referida propriedade para seu próprio uso e benefício por pelo menos seis meses anteriores à data da ordem judicial para o processo eleitoral. No entanto o título será válido sem posse anterior se a propriedade for oriunda de herança, disposição testamentária, casamento ou contrato de casamento e, também, se a escritura ou patente da Coroa da qual o eleitor dispõe para reivindicar tal propriedade no Alto Canadá tiver sido registrada três meses corridos antes da data da ordem judicial para o processo eleitoral. No Baixo Canadá, posses de propriedade sob uma promessa escrita de venda registrada, senão por escritura pública, serão suficientes para título de voto quando datadas de doze meses antes da eleição. No Alto Canadá, uma transferência para a esposa após o casamento deve ser registrada três meses corridos, ou o marido estar em posse seis meses antes da eleição.

Somente indivíduos britânicos com 21 anos completos podem votar. Eleitores podem remover

28 N.T. Ou *roture*, era um tipo de herança que não é nobre ou considerada vinda da nobreza. Se refere a propriedades menores que um *fief*, e muitas vezes essas terras ou propriedades eram compartilhadas ou coletivas. Durante o Feudalismo, essas circunstâncias reforçavam a distinção entre os vassalos e os camponeses mais pobres. Estes também eram geralmente os responsáveis pelos trabalhos mais pesados daquele período. Disponível em: www.dictionnaire.lerobert.com

29 N.T. Ou *franc alleu*, refere-se a um alódio, que é um conceito de alguns sistemas de direito imobiliário. Descreve uma situação em que uma propriedade está inteiramente “livre de foros, vínculos, pensões e ônus”. Um título alodial é inalienável, no sentido de que não pode ser revogado por qualquer ação legal, seja por qual motivo for. Esse tipo de direito se afasta por exemplo do *fief*, cujo direito à terra ou propriedade está vinculado à prestação de serviços. Disponível em: www.dictionnaire.lerobert.com

objeção produzindo certificação ou fazendo o juramento.

Nas leis supracitadas não há nenhuma disposição prescritiva. Homens de cor ao cumprirem com estas disposições podem votar no departamento administrativo. Não é feita nenhuma diferenciação; e mesmo na simples questão de fazer o censo é impossível obter o número exato de brancos e de pessoas de cor, pois eles não são designados como tais. Às vezes há, é verdade, inveja mesquinha manifestada por alguns indivíduos; porém imparcialidade e justiça rigorosa caracterizam os processos legais e o cumprimento das leis. O juramento, conforme prescrito por lei é o seguinte:

Eu, A.B, prometo e juro sinceramente prestar lealdade fiel e verdadeira a Sua Majestade Rainha Victoria, como legítima soberana do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, assim como desta Província do Canadá, dependente e pertencente ao referido Reino Unido, e que a defenderei com meu máximo poder contra todos os traidores, conspirações e tentativas que sejam feitas contra Sua Pessoa, Coroa e Dignidade, e que farei meu máximo esforço para divulgar e fazer notório a Sua Majestade, Seus Herdeiros e Sucessores todas as traições, conspirações e tentativas de traição das quais eu tomar ciência que forem contra Ela ou qualquer um deles, e tudo isso eu juro sem qualquer equívoco, evasão mental ou reserva secreta, e renunciando todos os indultos e dispensas. Assim Deus me ajude.

O juiz eleitoral pode aplicar o juramento de lealdade para pessoas que, de acordo com disposições de qualquer Ato do Parlamento, terão, ao prestarem tal juramento, o direito e privilégios de nascimento Britânico na Província.

Pessoas que votarem mesmo cientes de não serem qualificadas ficarão sujeitas a multa de £10; e no recurso interposto, o ônus da prova recairá sobre o réu. Esses votos são nulos e sem efeito.

As qualificações para Conselheiros Municipais são as seguintes: O Conselheiro Municipal deve ser proprietário ou locatário no município ou distrito como proprietário ou locatário cadastrado na lista, no caso de proprietário £ 100 ou mais; locatário £ 200 ou mais: Conselheiro da Vila, no caso de um proprietário £ 10 ou mais; locatário a partir de £ 20: Conselheiro municipal, no caso de propriedade £ 20 por ano; locatário com a soma de £ 40 ou mais. A qualificação de propriedade dos Conselheiros Municipais pode ser parcialmente propriedade e parcialmente locação.

Um inquilino eleitor em vila ou cidade deve ter ocupado como residente real, como inquilino separado, uma casa ou casas de habitação por doze meses, com o valor anual de £11 2s. 11 / 2d.³⁰ moeda corrente, e ter pago o aluguel de um ano, ou aquela quantia em dinheiro para os doze meses imediatamente anteriores à data da ordem judicial para o processo eleitoral. Não tem direito de voto quem detém apenas uma loja ou local de negócios, mas não reside ali. E o eleitor que mudou de residência na cidade durante o ano não tem seu direito de voto afetado, mas deve votar no distrito eleitoral em que reside no dia.

Artigos isentos de impostos

Os seguintes são alguns dos artigos isentos de impostos na importação:

Modelos de maquinário e outras invenções, assim como nos aperfeiçoamentos de suas artes. Cavalos e carruagens para passageiros. Cavalos, gado e

carruagens e outros veículos quando empregados para o transporte de mercadoria acompanhados dos arreios e demais equipamentos necessários, tendo em conta que os mesmos sejam usados *bona fide*. Há gratuidade de impostos para todos os mencionados, exceto para pessoas vendendo produtos, itens e mercadorias na Província e no caso de circos, ou tropas equestres para exibições.

Doações de roupas especialmente importadas para o uso ou para serem distribuídas gratuitamente por qualquer sociedade de caridade nesta Província.

Sementes de todos os tipos, utensílios agrícolas ou implementos de criação animal, quando especialmente importados em boa-fé por qualquer sociedade incorporada ou estabelecida para o incentivo à agricultura.

O porte de trajes de uso real e objetos pessoais que não sejam comercializados; cavalos e gado; instrumentos e ferramentas do ofício de artesãos.

Árvores, arbustos, bulbos e raízes; trigo e milho indiano; animais especialmente importados para o aprimoramento da pecuária; pinturas, desenhos, mapas, bustos, livros impressos (não reimpressões estrangeiras de obras sujeitas a direitos autorais britânicos), cinzas, potassa, mileto e soda cáustica.

Moeda do Canadá

OURO: MOEDA

O soberano britânico com peso total: £1 4s 4d (s = xelins/d = pence)

Águia Americana, cunhada antes de 1º de julho de 1834: £1 13s 4d

Águia Americana, entre 1º de julho de 1834 à 1º de julho de 1851: £2 10s 0d

PRATA

Coroa Britânica 6s 1d

Meia Coroa 3s 0d

Xelim 1s 2d

Sixpence 0s 7¼d

O dólar 5s 1d

Meio 2s ½d

Um quarto de dólar americano 1s 3d

Quarto de dólar (Outros) 1s 0d

Oitavo de dólar americano 0s 7½d

Oitavo de dólar de prata (Outros) 0s 6d

Dezesseis avos de dólar americano 0s 3½d

Dezesseis avos de dólar americano (Outros) 0s 3d

Moeda de cinco francos 4s 8d

COBRE

Centavo britânico 0s 1d

Meio centavo britânico 0s 0½d

Ceutil britânico 0s 0¼d

Resumo da Lei de Sucessão no Alto Canadá

Seja, portanto, decretado que sempre, em ou após primeiro de janeiro, que será no ano de Nosso Senhor um mil oitocentos e cinquenta e dois, que qualquer pessoa faleça com direito de uso de propriedade absoluta ou usufruto de qualquer propriedade no Alto Canadá, mesmo na ausência de testamento, tal propriedade será transmitida ou passará por meio de sucessão da seguinte maneira, ou seja:

Primeiro – Para seus descendentes diretos e aqueles que reclamem por ou sob eles, *per stirpes*.

Segundo – Para seu pai.

Terceiro – Para sua mãe: e

Quarto – Para seus parentes colaterais.

Sujeitos em todos os casos às regras e regulamentações doravante prescritas.

2. Que se o intestado deixar vários descendentes na linha direta de descendência, e todas as partes de mesmo grau consanguíneo de tal intestado, a herança será transmitida para tais pessoas em partes iguais, por mais distante que possa ser o grau comum de consanguinidade.

3. Que se algum dos filhos de tal intestado estiver vivo, e algum estiver morto, a herança será transmitida para os filhos que estiverem vivos e para os descendentes dos filhos que tenham morrido, de modo que cada filho que estiver vivo deverá herdar tal parte que teria sido transmitida a ele, e se todos os filhos do intestado estiverem mortos, deixando herdeiros vivos (netos), conseqüentemente, os descendentes de cada filho que estiver morto herdarão a parte que seus pais, se vivos, teriam direito de receber em partes iguais.

18. Que filhos e parentes que sejam ilegítimos não terão o direito de herdar sob qualquer disposição deste Ato.

Os trinta mil homens livres de cor do Canadá

Os indivíduos de cor de Sua Majestade nos Canadás estão, no geral, em boas circunstâncias, ou seja, são poucos os casos de miséria absoluta entre os assentados permanentemente. Eles estão assentados aleatoriamente em cidades, vilas, municípios e distritos rurais; e nenhum número igual de homens de cor nos Estados Unidos, no

norte ou no sul, consegue gerar mais proprietários. Estão assentados e possuem porções das melhores terras agrícolas na Província, e possuem propriedades muito valiosas em várias cidades. Há, evidentemente, uma diferença na prosperidade relativa e no comportamento em diferentes seções, mas um certo respeito e observância das leis são reconhecidos por todos eles. Aliás, muito da indiferença da parte dos brancos tem dado lugar a uma simpatia genuína, e os abolicionistas ativos e homens liberais do país consideram tal elemento em seu caráter como fonte de esperança de um futuro brilhante para eles, e como evidência de que sua simpatia pelo homem *livre* não está equivocada, sendo mais do que uma compensação por seus próprios esforços para aqueles que ainda estão em cativeiro.

Afirmo anteriormente haver pouca pobreza real entre eles. Eles estão engajados em diversos ofícios e trabalhos manuais. Têm um jornal editado pelo reverendo Henry Bibb, e outros homens capacitados, brancos e de cor, estão trabalhando entre eles, e tendo em vista a proteção oferecida, não há nenhuma boa razão para que não prosperem. Após a aprovação da Lei do Escravo Fugitivo, a emigração repentina de milhares de pessoas em alguns meses, no estado de pobreza em que se encontravam por terem sido obrigadas a abandonar, em muitos casos, tudo o que possuíam, causou muito sofrimento por um breve período (somente entre elas). As notícias sobre a condição *delas* teve um efeito prejudicial em todos os assentados de cor. Roupas, mantimentos e outros artigos foram enviados a elas, mas muitas vezes utilizados ou apropriados, mas não para o benefício daqueles a quem se destinavam. Desconfiança indiscriminada dos agentes e, de maneira geral, pouco benefício real resultou da caridade. Os homens sensatos entre eles, vendo os maus resultados de um caráter geral de pobreza e degradação, não tardaram a expressar sua desaprovação no círculo social, em reuniões e nos jornais públicos.

Os excertos que seguem abaixo expressam inteiramente os sentimentos de nove a cada dez homens de cor do Canadá. Eles

acreditam serem completamente capazes de viver sem mendigar. Há outros (pessoas muito ignorantes) que pensam de maneira diferente, como ocorre em todas as comunidades, mas são uma minoria. Também há aqueles, uma minoria respeitável (em número), que são a favor de igrejas e escolas separadas e inteiramente à parte; eles serão mencionados em uma seção especial, mas, primeiro, ouçamos os residentes de Buxton e de outros lugares:

Na verdade, se os fatos confirmassem as declarações feitas, os fugitivos teriam pouco a escolher entre a escravidão de um lado da fronteira e a fome do outro. No entanto, nos regozijamos que eles não se vejam reduzidos a tal alternativa. O homem que está disposto a trabalhar não precisa sofrer, e se ele não conseguir se sustentar não será nem independente e nem respeitável em nenhum país [...] O rumor que tem sido espalhado de que não poderíamos nos sustentar é uma calúnia suja, levantada por nossos inimigos e circulada do leste ao oeste do Canadá, para nos discriminar. Tendo vivido muitos anos no Canadá, não hesitamos em dizer que todos que são capazes e estão dispostos a trabalhar podem prosperar [...]

É hora de a verdade ser conhecida no que concerne à assistência enviada ao “fugitivo sofrido no Canadá,” e em que medida foi aplicada. As caixas de roupas e os barris de provisões que foram enviados de tempos em tempos, pelo louvável, porém equivocado, zelo de amigos nos Estados Unidos foram empregados para sustentar os desocupados, que são muito preguiçosos para trabalhar e que formam apenas uma pequena parte da população de cor no Canadá. Há mais de trinta mil pessoas de cor no Canadá do Oeste e não mais que três mil deles receberam ajuda alguma vez, e não mais que a metade deles precisaria de ajuda se estivessem dispostos a trabalhar.

Não achamos correto que vinte e sete mil pessoas de cor que se sustentam por seu próprio trabalho estejam sob a desgraça de serem chamadas de mendigos públicos, quando não recebem nada e não querem nada... Gostaríamos que o povo dos Estados Unidos soubesse que há uma parte do Canadá do Oeste onde pessoas de cor se sustentam, e elas gostariam que não mandassem nem anáguas e nem pantalonas para o condado de Kent... Os poucos casos de necessidade real, os quais decorrem de doença ou de idade avançada, podem, com um esforço trivial, serem atenuados aqui, sem se tornar um pretexto para um sistema indiscriminado de mendicância existente nos Estados Unidos.

EDWARD R. GRANTS,

SAMUEL WHICKHAM

ROBERT HARRIS,

O comitê.

Quanto ao estado de coisas em Toronto e em Hamilton, posso dizer, a partir de real observação, que o sofrimento extremo quase não existe entre as pessoas negras, enquanto algumas, que estão longe de ser tão produtivas e merecedoras quanto deveriam ser, recebem uma ajuda à qual dificilmente parecem ter direito. – Carta de S.R. Ward para o “*Voice of the Fugitive*”³¹.

31 N.T. *Voice of the Fugitive* foi um dos primeiros jornais negros do Alto Canadá. O jornal foi editado e publicado por Henry Walton Bibb, que nasceu escravo em Kentucky, em 1815. Ele escapou para Sandwich, no Oeste do Canadá, em 1850, logo após a aprovação da Lei do Escravo Fugitivo. O jornal era voltado para os negros nascidos livres e escravos fugitivos dos Estados Unidos. Disponível em: www.vitacollections.ca.

A despeito da prosperidade e do sentimento liberal da maioria, há ainda muita ignorância, discriminação, preconceito e ociosidade. Há aqueles que estão somente interessados na educação desde que a criação de escolas e igrejas separadas esteja inclinada a alargar a linha de separação que eles desejam estabelecer entre eles e os brancos. Eles estão dedicados a aumentar os números e perpetuar, nas mentes dos imigrantes e refugiados recém-chegados, preconceitos que têm sua origem na escravidão e tão fortes e questionáveis em suas manifestações quanto àqueles apoiados pelos brancos em relação às pessoas de cor.

Toda observação casual feita por brancos é distorcida e fixada efetivamente como ódio aos Negros. Das expressões de um só indivíduo se infere a existência de preconceito da parte dos brancos, e parcialidade por parte dos administradores de assuntos públicos. Os fugitivos recém-chegados, alheios ao real estado de coisas, são *completamente convencidos* pela filípica barulhenta contra toda a “gente branca” e todos os de cor que pensam de maneira diferente, e por isso estão dispostos a ajudar demagogos na prevenção da adoção de medidas adequadas para a propagação da educação e da inteligência geral, para poder manter o seu domínio sobre mentes inferiores ao seu redor, fazendo do caminho do missionário um caminho de espinhos. Entre esta parte da população, de maneira geral, podem ser encontrados alguns que, por seus hábitos indolentes, tendem a dar um pretexto para qualquer resquício de preconceito que possa existir na mente dos brancos; e é de se temer que dêem algum passo equivocado agora, cujas consequências acarretarão o mal para muitos que futuramente se estabelecerão no Canadá. O único motivo para ter esperança reside no bom senso inerente³² à queles

32 N.T. Apesar de ter uma visão crítica em seu tempo e defender a dignidade e educação para todos independentemente da cor da pele, Mary Ann Shadd foi também influenciada pelo pensamento progressista, liberal e até certo ponto, carregando uma medida de intolerância. Observando de 2023 para 1852, seria impraticável e injusto atribuir em nossa análise ou comentário qualquer tipo de juízo de valor ou julgamento no que tange a algumas de suas falas, que mostram por exemplo, como a própria colonização e o cristianismo se forjou nas mentes das comunidades negras daquele

que fazem uso das mesmas instrumentalidades para melhorias que os brancos ao seu redor.

Os franceses e a população estrangeira

A população do Canadá consiste em ingleses, escoceses, franceses, irlandeses e estadunidenses; e incluindo pessoas de cor, a população chega a cerca de 1.582.000. Dos brancos, os franceses estão em maioria, mas a crescente emigração dos irlandeses, escoceses, ingleses e outros europeus traz, rapidamente, uma igualdade em número que será sentida em círculos políticos. No Canadá do Oeste os franceses são a minoria.

A disposição das pessoas, de maneira geral, em relação a emigrantes de cor, isto é, na medida em que a opinião dos assentados mais antigos pode ser considerada, e no que minha própria observação permite, é tão amigável quanto se poderia esperar, dadas as circunstâncias. Os ianques, no país e nos estados fronteiriços, não deixam de aproveitar qualquer oportunidade de envenenar suas mentes contra os assentados. O resultado é, em alguns setores, um tipo desprezível de preconceito, que, entre os ingleses, que não têm poder algum fora do indivíduo que o possui – e não afeta nem *seu próprio círculo*. Isto vem da constituição da sociedade inglesa, na qual as pessoas não são obrigadas a pensar como as outras. Há mais pensamento independente e liberdade de expressão do que entre estadunidenses. A afinidade entre ianques e franceses é forte; dizem que se origina em intenções semelhantes no que concerne a assuntos políticos: eles expressam maior hostilidade, mas não é apenas de um caráter de cor, visto que serve como uma marca para identificar homens que possuem políticas diferentes.

Aparte os ianques – tendo pouca experiência prática com pessoas de cor – eles (os franceses) estão predispostos, por influência, a lidar

período. Mary Ann Shadd, mesmo sendo crítica e lutando pela liberdade, reproduz o discurso vigente daquele recorte histórico, o discurso estrutural da inferioridade do Outro.

rudemente com pessoas de cor; mas, em geral, sobretudo benevolência e senso de justiça são elementos de seu caráter. Eles não são avessos à verdade. Há uma hostilidade que prevalece contra a escravidão e uma representação sincera de pessoas de cor: seus objetivos e caráter progressista, apoiados por uma boa conduta uniforme de sua parte, irão destruir em muito pouco tempo todo vestígio de preconceito na Província.

A mente pública literalmente tem sede pela verdade, e ouvintes honestos, e inquisidores ansiosos viajarão muitas milhas, lotarão as capelas de nosso país e permanecerão por horas, avidamente e pacientemente buscando a luz [...] Que a ignorância ainda predominante sobre o assunto da escravidão seja enfrentada com uma discussão justa e completa, a partir de uma investigação aberta e minuciosa, assim a apatia e o preconceito que existem agora logo desaparecerão.
– *S.R. Ward*

Hospitalidade tem sido negada a pessoas de cor em tavernas (invariavelmente de uma classe inferior) e em alguns barcos também se fazem distinções; mas em todos os casos, é aquele tipo de distinção que é feito entre estrangeiros pobres e outros passageiros nos vagões e barcos a vapor dos Estados do Norte. Há o trem de emigrante e o convés frontal nos Estados Unidos. No Canadá, pessoas de cor, tendo a mesma relação com os canadenses, são tratadas de maneira semelhante.

É fácil alegar que exista preconceito em qualquer país. Naturalmente observamos isso, e a conduta de muitos é deliberada para proporcionar um tratamento desagradável e deixar a situação difícil para que pessoas de bons modos consigam acomodações confortáveis. Há um meio termo entre servilismo e presunção que se recomenda para todas as pessoas de bom senso, de qualquer posição ou cor; e se pessoas de cor evitassem os dois extremos, haveria apenas poucos casos de preconceito

de que se reclamar no Canadá. Nos casos em que donos de tavernas e outros sujeitos públicos persistirem em recusar a atendê-los, eles podem, assim como o público viajante em geral, obter reparação legal.

Pessoas emigrando para o Canadá não precisam esperar encontrar o estado geral da sociedade como é nos Estados Unidos. Há, assim como no país antigo³³, um forte sentimento de classe – limites são completamente traçados entre as diferentes classes, e a aristocracia nos Canadas é a mesma em suas manifestações como a aristocracia na Inglaterra, Escócia e em qualquer outro lugar. Não há uma abordagem como o cavalheirismo do Sul, nem a sensível democracia predominante no Norte; mas há uma aristocracia de nascença, não de cor de pele, assim como acontece com os estadunidenses. Nos arranjos ordinários da sociedade, dos ricos e imigrantes com títulos e visitantes do país natal, passando pelos círculos intermediários aos ianques e índios, parece ter sido estabelecido por consentimento de todos que uma classe não deve “ter problemas em relação a uma outra”; no entanto a base comum de que todos os homens honestos e respeitáveis compartilham é o ódio inato à escravidão americana.

Recapitulação

A conclusão a que uma pessoa imparcial chega a respeito do Canadá é de que nenhum outro país estabelecido na América oferece incentivos mais fortes para pessoas de cor. O clima é saudável e eles dispõem de tão boa saúde quanto outros assentados, ou os nativos; o solo é de primeira qualidade; as leis do país lhes dão, inicialmente, a mesma proteção e privilégios que a outras pessoas não nascidas súditas; e após o cumprimento das Leis do Parlamento que lhes dizem respeito, como prestar juramento, eles podem desfrutar completamente dos “privilégios de nascimento britânico na Província.” O tom geral da sociedade é saudável; vícios são desencorajados e infrações da lei são prontamente

33 N.T. Referente à Europa em geral.

punidas; e, além disso, há um crescente sentimento anti-escravocrata e um sistema progressista de religião.

Índias Ocidentais Britânicas, México, América do Sul e África

Incentivos foram oferecidos pelos donos de plantações aos homens de cor para se estabelecerem nas Índias Ocidentais Britânicas, e agentes foram mandados especialmente da Jamaica e de Trinidad, de vez em quando, para consultá-los sobre o assunto. A característica mais proeminente em seus esforços tem sido a vantagem direta para o dono de plantação que pode fazer tal emigração. Se os emigrantes consentirem em serem meros trabalhadores ao invés de donos da terra, as vantagens a serem extraídas por assentados, do ponto de vista pecuniário – de qualquer sistema de emigração cuja origem são os proprietários de terras – serão duvidosas, enquanto o atual modo de plantar, administrar e envolver as fazendas continuar. Mas a partir de um sistema de emigração voluntária para essas ilhas, resultados diferentes podem ser buscados. O método anterior não faria mais do que degradá-los, o último os elevaria materialmente. A proximidade dessas ilhas ao sul dos Estados Unidos faz com que seja necessário que elas sejam povoadas por homens de cor e que estejam *sob proteção britânica*; em suma, que eles devam ser súditos britânicos.

A política do partido dominante nos Estados Unidos é a de conduzir pessoas *livres* de cor para fora do país e mandá-las para a África; e ao mesmo tempo, de conceder a total garantia aos donos de escravos para a continuidade de seu sistema. Para cumprir à risca esta última promessa, eles executam grandes cálculos de um interesse futuro nas Índias Ocidentais, Honduras e, por último, na América do Sul. Eles desejam consagrar à escravidão e à escravocracia àquela parte deste continente; ao mesmo tempo que desprezam a vizinhança de homens

livres de cor. Preservar esses países das devastações da escravidão deveria ser o motivo para os assentamentos de homens de cor.

A Jamaica, com seu clima bom e solo rico, é a chave para o Golfo do México. O país não está distante dos Estados Unidos, de Cuba nem do Haiti; porém, como se por providência, está posicionado de maneira tal que se devidamente guarnecido por homens livres de cor, pode, sob a Grã-Bretanha, verificar rápida e eficazmente a interferência estrangeira na sua própria política, e verificar quaisquer desígnios maliciosos agora sendo contemplados em relação a Cuba e ao Haiti. O mesmo pode ser dito sobre a parte do Istmo agora sob proteção da Grã-Bretanha, tendo em conta o destino final da porção sul da América do Norte. É da maior importância que homens de cor reforcem essa e outras posições semelhantes nesta região. Eles são protetores naturais do Istmo e do país adjacente. É dito pelos médicos que aqueles de família humana fisicamente capazes de resistir a influência de grande calor são, também, capazes de suportar o frio severo; e a variada experiência de pessoas de cor na América prova que eles vivem até idades avançadas, tanto quanto os brancos, seja como baleeiros nos oceanos do norte, ou seja como colonos nas províncias Britânicas (extremo norte dos Estados Unidos), ou nas Índias Ocidentais.

Não é necessário mencionar a questão da existência de pessoas qualificadas, pois no momento há aqueles que conduzem com grande habilidade os negócios das ilhas. Homens de cor estão em maioria; não mais que um sexto é branco. Eles são legisladores, advogados, médicos, ministros, fazendeiros, editores, comerciantes e trabalhadores; e demonstram claramente sua capacidade para autogovernança em vários departamentos da vida civil, pela grande mudança em sua condição desde a emancipação. A história da perda do ato de emancipação é uma deturpação grosseira, levantada pelas partes interessadas em benefício da escravatura. É verdade que talvez não haja tanta exportação como anteriormente, pela boa razão de que há mais compradores internos. O escravo, miseravelmente alimentado, dos tempos passados é, agora,

o homem *livre* independente, com a capacidade de comprar o que quer que seu julgamento o leve a comprar. Tampouco a demanda de trabalhadores para as grandes propriedades prova que os camponeses estejam ociosos. Há muitos pequenos fazendeiros e agricultores por conta própria, mais lojistas e comerciantes, que pertencem à classe emancipada.

Mais atenção é dada, com certeza, à educação, e às crianças são, por esse motivo, dispensadas, em certa medida, das obrigações ao ar livre. Muito foi feito pela população de cor dessas ilhas para melhorar a sua condição, e muito pode ser feito, em conjunto com os emigrantes dos Estados Unidos, para aperfeiçoar a sociedade, fortalecer os britânicos nessa região, e assim manter “o poder de equilíbrio”. Não é preciso profeta para prever o estabelecimento de um império formado a partir do sul dos Estados Unidos e do México. O assentamento desses países por pessoas de cor, com seus muitos simpatizantes, é apenas uma etapa preparatória: este passo foi dado, a escravidão e a rapacidade republicana farão o resto. Sob que momento de mais favorável auspício a emigração para as Índias Ocidentais poderia ser feita do que no presente, agora que um acolhimento global seria estendido pelo povo àqueles que gostariam de um clima mais ameno do que o dos Estados Unidos? Que Governo é tão poderoso e tão rigorosamente imparcial quanto o de Sua Majestade; tão pragmaticamente antiescravagista, e tão protetor? Nenhum. A objeção de que “nós desejamos nosso próprio Governo para demonstrar nossa capacidade de autogovernança,” é eliminada prontamente, pois há colônias controladas por homens de cor, na medida em que os seus assuntos imediatos se estendem.

A afirmação de que homens brancos discriminam universalmente pessoas de cor é refutada pelos fatos³⁴. Não há aristocracia de pele; todo incentivo ao esforço digno é mantido perante eles. É de suma importância, então, que o Governo dessas ilhas seja antiescravagista, e

34 N.T. Ver nota 32.

que apenas Governos anti-escravagistas em espírito e tendência, e tendo uma política religiosa liberal, devam ser buscados por pessoas de cor dos Estados Unidos. Elas, mais que todos os outros neste continente, beberam abundantemente do copo da degradação, que a interminável cantilena sobre a liberdade tornou mais amargo. Eles poderiam ser poderosos auxiliares dos atuais habitantes na formação de uma barreira de defesa, ou estarem disponíveis para operações ofensivas, como um *protesto decidido*, por exemplo, como os melhores interesses e a política do Governo britânico poderiam exigir.

Aqueles que se opõem à emigração dos Estados Unidos dizem, “você (pessoas de cor) não vão querer ser operários em outros países; cavar os canais, trabalhar nas estradas de ferro, valas e afins, você vão preferir se envolver no comércio, e outros tentarão impedi-los.” Homens honestos no seu desejo de mudança, que amam a liberdade mais do que a escravidão, ou que não estejam dispostos a esperar o tedioso processo pelo qual seus direitos serão concedidos, nos Estados Unidos, se um dia forem, não serão exigentes ao emigrar para um outro país. Emigrantes, para qualquer país, que visam um monopólio dos chamados trabalhos respeitáveis, exclusivamente, seriam olhados com *desconfiança*, assim como desprezo, e o resultado para o emigrante não seria muito diferente de um monopólio de empregos servis. Não haverá escassez de terra, e sim um meio, entre as extensivas operações dos capitalistas e as degradantes ocupações de pessoas de cor, nas cidades comumente populosas dos Estados Unidos, abrindo-lhes assim um certo caminho para a eminência futura, em todos os sentidos, preferível às súbitas mudanças e oportunidades de comércio, exclusivamente.

Por vezes é feita alusão à América do Sul, e planos foram propostos para uma concessão de território por parte dos Governos naquele país [sic], para a formação de um “Governo independente”. Outros dizem “uni-vos aos Governos existentes”. Nenhum dos planos é aceitável para futuros emigrantes em geral. Em primeiro lugar, não há registro precedente de uma concessão, similar à buscada, e a política

de Governos independentes, uns em relação aos outros, seria sempre contrária a concessões não qualificadas. A grande objeção à união a esses Governos no presente seria o desejo de tolerância em assuntos religiosos; enquanto existir uma ligação íntima do Estado com a Igreja Romana, esses países não devem ser nada mais que um asilo ruim para os oprimidos. E, com eles, os liberais formam uma minoria, lutando pela vida toda contra as exigências do papado, e a ambição dos chefes militares. Estariam as pessoas de cor preparadas para adotar a religião do país? Com eles seria a única garantia de proteção, tal como a que “os abutres dão aos cordeiros”.

“Conquistemos a África, ou algum outro território não tomado, enquanto podemos”, disseram outros, “e estabeleçamos nosso próprio Governo”. No entanto, a África já foi conquistada; os ingleses, franceses, portugueses, espanhóis e turcos já a dividiram entre eles há tempos, e a pequena Libéria pode ainda voltar para algum herdeiro de direito que tenha sido propositadamente desatento a ela. Ainda há o México a ser mencionado mais adiante, e um continente do sul, mas que pertence aos Estados Unidos, talvez por direito de descoberta; por isso parece não restar alternativa segura a não ser estar satisfeito com o Governo mais confiável e mais poderoso existente. Esse Governo é a Grã-Bretanha; suas dependências formam um lar *seguro* para o escravo americano e o desonrado homem *livre*. A última de suas posses para a qual eu chamarei a atenção neste lugar é a Ilha de Vancouver.

México

A proximidade do México aos Estados Unidos, e a conhecida hostilidade dos mexicanos à instituição da escravatura, têm um forte peso em algumas pessoas a favor da emigração àquele país; porém, após detida ponderação, será notado que o México não apresenta as características gerais que os estados da América do Sul apresentam. O anseio dos antigos castelhanos, após a perda do poder, é muito maior

no México do que mais ao Sul; e para recuperá-lo não teriam escrúpulos em se aliar aos donos de escravos americanos. O espírito da democracia nunca permeou tão completamente aquele país como aqueles sob a sombra de Simón Bolívar. O México era chamado de Nova Espanha. Nela, as características proeminentes da política espanhola na Europa foram remodeladas. Lá foi o centro da dignidade, da intolerância religiosa, e da dominação régia espanhola para o Novo Mundo.

Nos estados da América do Sul, uma mudança de política foi uma necessidade advinda das relações da Igreja de Roma com a sociedade em geral. No México, surgiu uma demanda séria da maioria para se livrar do jugo espanhol. Isto é mostrado pela posição relativa da Igreja naqueles países. No México, a Igreja Católica Romana tem uma supremacia incontestável, e o Papa é para eles uma máxima autoridade. Nos estados da América do Sul, embora prevaleça essa religião, ainda assim, a concessão foi feita por Roma, na pessoa de um dignatário que possui poderes iguais aos do Papa nessa região e em outros lugares. Nesses países o Papa é apenas um pouco mais respeitado do que o Patriarca grego. Nesses estados, exceto o Peru (no qual existe acordo geral entre os nativos e espanhóis), não havia anteriormente nenhuma classe civilizada continuamente cismando contra as injustiças espanholas: os nativos chegaram a um acordo, e eles e os Crioulos combinaram-se para destruir a tirania espanhola apoiados por Roma. Consequentemente, após alcançarem a vitória sobre a Espanha, sua inimiga remanescente era e é a Igreja em sua forma modificada. Ela ainda tem, como dito anteriormente, influência suficiente para tornar aqueles países indesejáveis para pessoas de cor dos Estados Unidos no atual estado de coisas.

Queremos uma posição forte; o México não oferece isso, mesmo a maioria sendo antiescravagista. O sul dos Estados Unidos “o marcaram como presa”, e o México permanecerá desse jeito durante algum tempo; e combinando com a minoria, a probabilidade é uma disputa pela supremacia da escravidão por um longo tempo.

Se fosse certo que a escravidão não seria tolerada, senão por um curto período, ainda assim a mudança seria inoportuna, pois o contato direto com movimentos revolucionários, ou com outros planos de progresso seria inevitável, afetando o estado atual do México. A posição de americanos de cor deve ser conservadora por um tempo em qualquer país estrangeiro (devido à própria natureza das suas relações com as nações estrangeiras), bem como para si próprios nos Estados Unidos; e seria loucura da parte deles entrar voluntariamente em um conflito entre duas nações hostis até eles se tornarem mais fortes; seus esforços, logicamente, deveriam ser para ganhar força.

Pessoas que amam a liberdade não emigram para governos fracos para se envolverem em suas disputas com os governos fortes, mas ao contrário, emigram para os fortes, para se somarem e melhorarem sua própria condição. Estrangeiros que lutam por outros governos geralmente são ou mercenários ou aventureiros isolados procurando por fama. Quaisquer que sejam as pessoas que vão para o México e adotam suas instituições, elas precisam calcular de antemão deixarem de mão os hábitos da vida civil independente – devem, durante muito tempo, renunciar ao arado, às artes e ao comércio com os seus concomitantes num grande país, ou torná-los secundários em importância às ideias da vida militar que ali predominam, e à certeza de frequentes ataques externos e internos. A fraqueza, ou melhor, as rixas internas do México, atraem ataques de grupos inescrupulosos. É, então, desejável que emigrantes de qualquer nação se apressem para ali se assentarem?

Procuramos em vão por precedentes de emigração por qualquer povo a um país perturbado até o ponto de derramar sangue com rixas internas; e procuraremos em vão por prosperidade. Ao defendermos isto, deixaríamos de lado o controle que a fortificação das Índias Ocidentais com nossos emigrantes daria às depredações nos países contíguos, e só gratificaríamos o amor de lutar, sem vantagem imediata.

Que o México, neste momento, cuide de si próprio através dos esforços de sua própria população mestiça, bem direcionada, e que nossos emigrantes sejam *abolicionistas* e fortaleçam as posições vizinhas que promovam a prosperidade e a harmonia do todo. Isto pode ser feito sem comprometer a honra, na verdade o sentimento de “liberdade ou morte” nunca é concretizado a não ser que se procure inicialmente garantir a primeira permanentemente e só depois se corteje a segunda quando a vida já não é útil.

Sei que a lembrança das inúmeras injustiças faz com que o desejo de pagamento na mesma moeda seja a necessidade da natureza de alguns homens, mas no fim das contas não se atinge um fim real. Os índios aprenderam com as derrotas frequentes a consequência de ir à guerra sem estarem preparados, e agora tribos inteiras cultivam a arte da paz e do progresso. Que aprendamos até com os selvagens!³⁵ [sic] Podemos começar uma luta a qualquer momento, mas quem ficará mais sábio com essa experiência? Ninguém. Os homens honestos tentariam apenas suprimir o conflito; assim, a coalizão com qualquer nação, especialmente com uma fraca, acarretaria medidas de retaliação. O partido pró-escravidão dos Estados Unidos é o partido agressivo neste continente. É a serpente que quer engolir todos os outros. É conveniente então criar redutos, e, se necessário, defendê-los; esse será o controle mais eficaz contra a ganância de terras de Negros.

Ilha de Vancouver e comentários finais

Esta ilha está situada entre as latitudes norte 49° e 51°, ou na fronteira sul da América Britânica; e entre as longitudes oeste 122° e 127°. Tem cerca de 480 quilômetros de comprimento e cerca de 144 e 160 quilômetros de largura, e tem por volta de 72.500 quilômetros quadrados³⁶. Embora remotamente situada, e relativamente desabitada

35 N.T. Referente aos povos originários do Canadá. Ver nota 32.

36 N.T. As medidas colocadas por Shadd no folheto eram incertas. Com avanços

(não tendo mais do que vinte mil pessoas), diz-se que será a primeira ilha em importância no globo. Tem um clima bom, estando na mesma latitude que o sul da Inglaterra, da Alemanha e o norte da França. O solo também é da melhor qualidade. Porém não é como uma ilha agrícola que ela superará todas as outras.

O continente ocidental, e particularmente a parte norte, dizem os “sábios do oriente”, deve um dia deixar para trás o longínquo leste (um fato que os homens de cor não devem perder de vista), e o comércio com as nações orientais se realizado através do Pacífico. Atualmente, é um lugar de parada importante para os navios baleeiros que visitam os Mares do Norte, e está diretamente na rota para as Índias Orientais, as ilhas do Japão e a China, a partir de Oregon e da América Britânica. A rota terrestre para o Pacífico, que termina perto desse ponto, o grande comércio atlântico da Europa Ocidental e da América encontrará aí o mercado mais praticável e a distância mais curta para a Ásia Oriental. Consequentemente, as pessoas lá assentadas, seja qual for a cor de sua pele, serão os “príncipes mercadores do mundo”, e sob a proteção da Grã-Bretanha.

Agora, há duas razões de peso para que as pessoas lá assentadas sejam principalmente de cor. A primeira é que, por esse meio, elas se tornariam mais inteiramente envolvidas no destino do continente: qualquer movimento de magnitude para o leste, como, por exemplo, para a África, se *possível*, pareceria um retrocesso, agora que a corrente dos negócios está claramente direcionada ao oeste. E a segunda é que não se poderia, de maneira mais eficaz, controlar as incursões da escravidão em solo livre. A pura simpatia americana, somente para amigos e familiares, experimentaria obstáculos inigualáveis ao seu livre

tecnológicos ao longo do tempo, pode-se afirmar que a ilha mede 456 km em comprimento, 100 km em largura em seu ponto mais largo e 32.100 km² em área total de acordo com dados atuais retirados de <https://adventures.com/canada/attractions/islands/vancouver-island/> e <https://www.destinationvancouver.com/listings/tourism-vancouver-island/9522/>.

exercício, no caso de uma anexação idealizada daquele encantador território ocidental.

Será evidente que a possibilidade de uma emigração bastante extensa para esses países tem sido a característica proeminente ao longo de todo este folheto, e por essa razão foi feita referência direta a outros pontos sob jurisdição britânica, além do Canadá. A preferência dada a estas localidades (Canadá, Índias Ocidentais e a Ilha de Vancouver), sobre outras colônias britânicas em outros lugares, foi por causa de suas fortes posições e disponibilidade em todos os sentidos. Não há, como na África, no México ou na América do Sul, tribos hostis para incomodar os assentados, ou destruir de propósito cidades e aldeias com seus habitantes: o braço forte do poder britânico puniria sumariamente as depredações feitas, de qualquer caráter, e o emigrante naturalmente assumiria a responsabilidade de homens livres britânicos.

A questão de saber se uma grande emigração de pessoas livres de cor dos Estados Unidos afetaria ou não a instituição da escravidão seria então respondida; tomei aqui a afirmativa dessa questão, porque essa perspectiva do caso me parece a mais clara. As pessoas livres de cor têm constantemente recusado aprovar qualquer esquema racional de emigração na esperança de que, permanecendo nos Estados Unidos, um poderoso milagre seja operado para a derrubada da escravidão. Quais são os fatos?

Mais territórios renderam-se à escravidão, a Lei do Escravo Fugitivo foi aprovada e um conjunto de medidas, que afetam gravemente sua liberdade pessoal, foi celebrado por vários dos Estados Livres. Tão sutis, invisíveis e eficazes têm sido os seus movimentos que, se não nos lembrássemos de que existe uma Grã-Bretanha, ficaríamos esmagados e impotentes pela força de tão sucessivos choques. E pode ainda não ser o fim, se nós persistirmos e permanecermos como alvos enquanto eles se fortalecem no Noroeste e no Golfo do México. Haveria mais boa aventura, e infinitamente mais da verdadeira virilidade, numa

demanda pacífica, porém decidida, pela liberdade ao escravo do Golfo do México, do que numa corrida miserável de estado em estado, num esforço vão para reunir as migalhas de liberdade que uma vassoura pró-escravidão pode varrer a qualquer momento. Que uma escolha pelo melhor país seja feita, agora que existem países entre os quais uma comparação aos Estados Unidos pode ser instituída. Se cruzarmos os braços mesmo que um pouco, não haverá recuo das garras da escravocracia.

Posfácio: sobre o processo de tradução

Em meio a tempos de escravização e de lutas ferrenhas nasce Mary Ann Shadd em Wilmington, Delaware, Estados Unidos, no ano de 1823. Filha de Abraham Doras Shadd e Harriet Burton Parnell negros e abolicionistas, integrantes da *American Anti-Slavery Society*. Eles eram ativistas e facilitavam, investiam e forneciam abrigo, esconderijo e ajuda para escravizados fugidos. Shadd foi a segunda mulher negra dos EUA a cursar direito na *Howard University Law School*. Tornou-se professora, e participou da *North American Convention of Eminent Emigracionist Black Leaders*, além de ser a primeira editora negra nos EUA e no Canadá e fundadora do jornal *The Provincial Freeman* (1853). Suas obras eram principalmente folhetos para ajudar o movimento abolicionista que tinha nomes como Frederick Douglas em seu jornal *North Star* (1847), George Whipple, Henry e Mary Bibb em seu jornal *Voice of the Fugitive* (1851).

Quando a Lei do Escravo Fugitivo é aprovada pelo parlamento estadunidense em 1850, estabelece-se que todo escravo fugitivo, mesmo que em um estado livre, seja encontrado e devolvido ao seu antigo dono. Este Ato responsabilizou o Governo Federal no que se refere a encontrar, devolver e julgar o escravo fugitivo. Os votos do Sul dos Estados Unidos pesaram, e lá estava o povo negro voltando para o horror da cruel desumanização e perseguição. Todavia, e apesar do mundo, Mary Ann Shadd escreve; sua escrita é um caminho para a liberdade para o Norte, para o Canadá, para uma terra prometida pensando na conjuntura daquele momento.

A Plea for Emigration, or, Notes of Canada West: in its moral, social, and political aspect; with suggestions respecting Mexico, West Indies, and Vancouver's Island, for the information of colored emigrants (1852), traduzido como *Um Apelo à Emigração, ou Notas sobre o Canadá do Oeste: em seus aspectos morais, sociais e políticos; com sugestões à respeito*

do México, Índias Ocidentais, e Ilha de Vancouver, para informação de emigrantes de cor, é um relato histórico; são notas sobre o Canadá – seus aspectos morais, sociais e políticos; sua vegetação, geografia, seus territórios, moradia, costumes e expressões religiosas, assim como sua população. Shadd talvez não soubesse a importância de seu trabalho, mas para além do registro histórico, ela reescreve a história; de 1852 para 2023, uma mulher negra nos apresenta com riqueza de detalhes um lugar que serviria como refúgio para pessoas negras, um caminho do Sul para o Norte deveria ser trilhado, lançando mão da *Underground Railroad* até a liberdade.

A escrita de Mary Ann Shadd é um caminho na medida em que é um ato de resistência e reexistência, que nos torna sujeitos e nos inscreve como fazedores de uma história que se revela através dos séculos. Assim como a luta de Harriet Tubman, a de Shadd foi a de mapear e nos contar os lugares onde o povo preto estaria mais “seguro” dos perigos eminentes da colonização e escravização.

O projeto de tradução idealizado e realizado neste trabalho pode ser definido a partir do tom arcaizante da autora. Algumas construções sintáticas e combinações linguísticas criadas por ela foram conservadas em prol de uma tentativa de aproximação com o período o qual a obra foi escrita, realizando também uma constante negociação, que envolveu História, Sociologia, Geopolítica e até mesmo uma Arqueologia da Tradução. Apesar de não ser um campo de estudo amplamente desenvolvido, sentimos que estes processos – tradutório e de revisão – estiveram em todo momento dialogando com o conceito de Arqueologia, uma vez que a elaboração do produto final, a própria tradução, priorizou ao mesmo tempo o zelo pela história assim como a fluidez textual e a correspondência com o leitor do século XXI.

Em sua aula magna sobre *Arqueologia como tradução do passado no presente*, a historiadora e antropóloga Fabíola Andréa Silva comenta que:

[...] acredito que nossa prática e interpretação sobre o passado devam levar em consideração as múltiplas vozes interpretativas sobre a trajetória humana no passado. Nós não somos os donos do passado, mas talvez, sejamos um profissional cuja responsabilidade está em possibilitar esta tradução multivocal do passado no presente (SILVA, 2011, p. 266).

Desse modo, observando a Arqueologia através do prisma da tradução, criamos uma abordagem e uma prática coerente que supre as intenções de nosso projeto.

Um dos primeiros pontos que vale ser mencionado é que essa tradução mantém o foco narrativo conforme o texto fonte. Há muitos momentos ao longo da obra em que Mary Ann Shadd se posiciona em primeira pessoa; esse fator demonstra o potencial arcaico deste folheto convidativo. A principal razão para isso talvez seja querer preservar algo da importância do fato de ser justamente a pessoa que viu com os próprios olhos e que teve a experiência na própria pele sobre o Canadá que ela conheceu. Para poder ter firmeza de falar e promover o seu trabalho com propriedade, ela assume o texto a partir do seu lugar de fala. Shadd, enquanto utiliza de sua agência e seu corpo no lugar do feminino, negro, antiescravagista, escritora, editora e ativista, constrói arduamente para si uma autoridade para explicar suas experiências e transparecer o desejo expresso de fazer de *A Plea for Emigration*, algo de importância para o seu povo.

Localizando-nos através do tempo-espço, em outras palavras, transpondo um texto de 1852 publicado nos EUA/Canadá para 2023 no Brasil, decidimos manter alguns termos visando conservar o aspecto antigo do texto. A saber, *colored people/people of color* foi traduzido por *pessoas de cor*; *black* e *negro* foram traduzidas pela palavra negro (português). Em relação ao termo *complexion* decidimos traduzir como *cor de pele* ao invés de *compleição*, pois em português do Brasil o termo

abrange também questões fenotípicas e identitárias mais comuns a discussão racial dos séculos XX e XXI, o que causa um problema de anacronismo uma vez que no texto de partida o contexto em que o termo aparece deixa explícito que Shadd se referia apenas à cor da pele. Ressaltamos que essas escolhas fizeram parte do nosso projeto de tradução, sendo consciente de nossa parte a mudança social, linguística, estrutural das relações etnico-raciais. Palavras como “preto” para black e negro com “N” maiúsculo para se referir a esse mesmo termo em inglês foram consideradas e ponderadas, mas refletimos e decidimos que tais expressões não cabem naquele contexto colonial onde mesmo pessoas negras usavam termos hoje considerados ultrapassados. Assim, optamos também por escravos ao invés de escravizados e índios ao invés de indígenas/autóctones.

Como dito anteriormente – e como é comum na prática tradutória – as pesquisas não foram poucas durante todo o processo da tradução, mas outro desafio foi o de tentar manter o estilo da escrita da autora. Algumas construções do texto em inglês causam alguns estranhamentos, por vezes nas escolhas de palavras, mas por muitas vezes pela construção das frases. Como parte de nosso projeto tradutório decidimos não interferir nesses estranhamentos e nos períodos truncados exatamente para que o texto na tradução não se distanciasse tanto do estilo de Shadd, como podemos ver no trecho que segue:

if all the children of the intestate who shall have died, leaving issue, had been living, and so that the descendants of each child who shall be dead shall inherit the share which their parents would have received, if living, in equal shares. (SHADD, 1852, p.30)

Se todos os filhos do intestado estiverem mortos, deixando herdeiros vivos (netos), conseqüentemente, os descendentes de cada filho que estiver morto herdarão a parte que seus pais,

se vivos, teriam direito de receber em partes iguais.
(Tradução nossa)

No trecho citado pode-se perceber o estranhamento da construção de sentenças da Shadd. O trecho apresentado é de leitura difícil em português por se tratar de uma sentença longa e de construção pouco regular, e apesar de nos utilizarmos de explicitações como “netos” entre parênteses, buscando esclarecer as leis mencionadas, de modo geral decidimos não modificar exatamente esse truncamento, por entendermos que tais sentenças longas fazem parte do estilo de Shadd e modificá-las resultaria no apagamento de sua idiosincrasia.

Segue mais um exemplo:

Emigrants to any country, who should aim at a monopoly of the so called respectable occupations, would be looked upon with distrust, as well as contempt, and the result to the emigrant would not be far different from a monopoly of menial employments. (SHADD, 1852, p.39)

Emigrantes, para qualquer país, que visassem um monopólio dos chamados trabalhos respeitáveis, seriam olhados com desconfiança, assim como desprezo, e o resultado para o emigrante não seria muito diferente de um monopólio de empregos servis. (tradução nossa)

No trecho acima pode-se perceber mais um caso de sentença longa e aqui um outro motivo da sensação de dificuldade é a quantidade de apostos usados por Shadd para enriquecer sua explicação com detalhes e com o máximo de informação possível. A sensação é quase como se no fluxo de escrita ela fosse lembrando dos detalhes tão fundamentais para o objetivo propagandístico da obra.

Em outros momentos, nos deparamos também com trechos que lidamos com os filtros que temos agora em 2023 (ano de finalização da

tradução), são considerados problemáticos e por vezes carregados de preconceito. Durante o processo de revisão do texto, depois de muita discussão e reflexão sobre o projeto proposto para a tradução, decidimos manter as frases como foram escritas, porém concordamos em comentar essas sentenças de maneira paratextual, através de nota do tradutor, no rodapé de cada página, marcando, assim, nosso olhar possível em 2023. Dizemos isso por acreditarmos e entendermos que Shadd, por mais revolucionária que fosse, ainda era atravessada e constituída pelas possibilidades ideológicas de seu tempo, como se pode notar no trecho que segue:

There is a medium between servility and presumption, that recommends itself to all persons of common sense, of whatever rank or complexion; and if colored people would avoid the two extremes, there would be but few cases of prejudice to complain of in Canada. (SHADD, 1852, p.35)

Há um meio termo entre servilismo e presunção que se recomenda para todas as pessoas de bom senso, de qualquer posição ou cor; e se pessoas de cor evitassem os dois extremos, haveria apenas poucos casos de preconceito de que se reclamar no Canadá. (tradução nossa)

No trecho citado pode-se perceber um tom de julgamento na recomendação de Shadd sobre o comportamento ideal das pessoas negras para que elas fossem bem aceitas pela branquitude canadense. Prolongando-nos ainda mais sobre esse aspecto, percebemos que Shadd por vezes afirmava com ainda mais ênfase em sua linguagem promocional e propagandista, que é sempre crucial demonstrar:

advantage of a residence in a country in which chattel slavery is not tolerated, and prejudice of colour has no existence whatever. (SHADD, 1852, p.16-17)

as vantagens de se estabelecer em um país que não tolera a escravidão, e onde não existe qualquer tipo de preconceito relacionado à cor de pele (tradução nossa)

Não obstante, podemos reparar que há evidências que apontam o contrário, como por exemplo, quando expõe pormenorizadamente, sobre a reação dos brancos, quando alguma família negra adquiria imóvel ou terras próximas:

At first, a few sold out, fearing that such neighbors might not be agreeable; others, and they the majority, concluded to remain, and the result attests their superior judgement. Instead of an increase of vice, prejudice, improvidence, laziness, or a lack of energy, that many feared would characterize them, the infrequency of violations of law among so many, is unprecedented” (SHADD, 1852, p.22)

No início, algumas famílias venderam suas propriedades, temendo que tais vizinhos pudessem não ser agradáveis; outras, e elas eram a maioria, decidiram permanecer, e o resultado atesta seu melhor julgamento. Ao invés de um aumento de vícios, preconceito, imprevidência, preguiça, ou falta de energia, que muitos temiam que os caracterizassem, a infrequência de violações da lei entre tantas pessoas é sem precedentes. (tradução nossa)

Na prática, apesar de não ser algo tão estrutural ou até mesmo institucionalizado, havia preconceito, todavia, especialmente observando de um local distante e privilegiado: em 2023 e através de uma extensa pesquisa, vemos se tratar de uma estratégia extremamente válida de construir e levar uma reação positiva ao público alvo da autora, que de fato teria um panorama muito mais favorável do que nos Estados Unidos.

Sobre outras particularidades dessa tradução, realizamos algumas conversões simples como alterar em alguns momentos as medidas de pés, jardas, bushels, estéreo, kushels dentre outras para o sistema métrico. Por serem medidas utilizadas comumente naquele período, vimos ser interessante mantê-las mencionadas para conhecimento geral, assim como a opção pela conversão da temperatura em Fahrenheit para Celsius como uma forma de ampliar a dinâmica e a fluidez da leitura.

Outra pesquisa que se mostrou fundamental para o progresso da tradução foi especificamente a dos termos técnicos e acertados nas áreas da botânica, agricultura e zoologia. A título de exemplificação, temos os tipos de solo para plantio (*black loam, sandy loam, clay e sand*), traduzidos tecnicamente como barro preto (ou humoso), barro arenoso, argila e calcário; termos específicos de terras melhoradas ou adubadas (*superior lands e improved lands*) ou terra de pousio (*fallow lands*), áreas florestadas e desflorestadas (*timbered lands e clearing lands*), e referindo-se aos terrenos “sujos” como *uncleared lands*; também como a busca minuciosa pelas frutas, grãos, hortaliças e especialmente os tipos de madeira e árvores específicas que haviam à disposição no Canadá naquele período, encontrando, dessa forma, não apenas o possível referencial no português, mas buscando o contexto etimológico de cada palavra, verificando-se assim muitas vezes, que os nomes se tornavam diferentes ao longo do tempo, como por exemplo *burr oak* (traduzido como carvalho francês) que hoje tem o nome de *French oak*; e por fim os animais domésticos, gado, aves e animais de caça selvagens, que em alguns casos também eram específicos daquela região, como o Esquilo Negro do Canadá (no texto colocado como *squirrel* e a palavra “*black*” entre parênteses), o gado de Durham (aparecendo apenas como *Durham*) ou “*Canadian Pony*”, que se refere especificamente ao pônei rústico canadense.

Uma pesquisa sobre as questões imobiliárias, pecuniárias e comerciais também foi empreendida. Mantivemos por exemplo as unidades monetárias daquele período como *xelins e pences*, julgamos

não haver necessidade de conversão nesse sentido. Referente aos termos técnicos empregados no meio imobiliário da época, foi um desafio, especialmente por serem termos expressados em Estatutos e Leis da época. Um exemplo que trouxemos inclusive no texto, foi o das expressões *fief*, *roture* e *franc alleu*, que não são mais utilizados atualmente no meio imobiliário, e que por sua vez têm significados muito distintos e com raízes etimológicas ainda mais distantes, como no francês médio e localizado no recorte histórico do Feudalismo.

Elaborar uma lista das questões centrais do *Plea for Emigration*, ou *Um apelo à Emigração*, é fazer uma lista de uma série de questões vistas como centrais também para o povo negro das américas, sendo livres ou fugidos, de 1850 ou 2023; a transmissão de sua experiência, em tom de propaganda, um verdadeiro convite para a liberdade e o que ela pode carregar consigo, o apontamento efusivo para todos os escravizados e oprimidos, sua posição como portadora dessa alternativa, e também a sua forma peculiar de comunicar essa verdade, faz com que seja de fato uma obra essencial para entender todo aquele momento histórico e sobretudo desconstruir a ideia de inação, desesperança ou submissão do povo afro-americano.

A primeira leitura mais desavisada do texto de Shadd pode dar a falsa impressão de se tratar apenas de um manual abrangendo introdutoriamente assuntos fundamentais para o processo emigratório, mas numa leitura mais atenta e mais profunda, assim como é a leitura para tradução, pode-se perceber que *A Plea for Emigration* ultrapassa as linhas pragmáticas de um manual, se estendendo para um estudo e um retrato de sua época. Uma tarefa tão complexa não poderia resultar em outra coisa senão um texto rico e complexo. E já se pode entender também que a tarefa de traduzi-lo seria um tanto desafiadora. E assim foi.

A plea for emigration, or Notes of Canada West : in Its Moral, Social, and Political Aspect, With Suggestions Respecting Mexico, West Indies, and Vancouver's Island, For the Information of Colored Emigrants. Mary Ann Shadd. 1852.

Um apelo à emigração. Mary Ann Shadd.

Organização e tradução: Allison Silveira Morais, Fabricio Leal Cogo, Hislla S.M. Ramalho

©Tradução: Allison Silveira Morais, Fabricio Leal Cogo, Hislla S.M. Ramalho; Cultura e Barbárie, 2023.

Capa Allison Silveira Morais

Shadd, Mary Ann, 1823-1893.

SH524u Um apelo à emigração / Mary Ann Shadd; organização e tradução: Allison Silveira Morais, Fabricio Leal Cogo, Hislla S.M. Ramalho. — Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2023.

Título original: *A plea for emigration, or Notes of Canada West: in Its Moral, Social, and Political Aspect, With Suggestions Respecting Mexico, West Indies, and Vancouver's Island, For the Information of Colored Emigrants.*

ISBN 978-65-87529-40-0

1. Ciências sociais. 2. Shadd, Mary Ann. I. Autora. II. Título.

CDD 300

Apoio:

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Universidade Federal de Santa Catarina

Cultura e Barbárie Editora

Coordenação editorial: Fernando Scheibe e Marina Moros

Conselho editorial: Alexandre Nodari, Dominique Nédellec, Fernando Scheibe, Flávia Cera, Leonardo D'Ávila, Marina Moros e Rodrigo Lopes de Barros

www.culturaebarbarie.com.br

Florianópolis, SC

